

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

KÁTIA DE MELO

VOZES ORIGINÁRIAS: LINGUAGEM E CULTURA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

FLORIANÓPOLIS

2024

KÁTIA DE MELO

VOZES ORIGINÁRIAS: LINGUAGEM E CULTURA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura), sob a orientação da Professora Priscila Finger do Prado

FLORIANÓPOLIS

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os meus professores, que de algum modo contribuíram na construção de todo o meu conhecimento até aqui.

À minha orientadora, professora Priscila Finger do Prado, que me acompanhou nesse semestre dando todo o apoio e auxílio necessário.

À professora Amanda Gröbe Raymundo, que me acolheu em sua sala com muita gentileza e por toda ajuda nesse período de estágio docência.

À minha família, principalmente meu marido Gabriel Neis e minha mãe Cláudia Weber de Melo, que me incentivaram, apoiaram e deram todo o suporte durante essa etapa decisiva de minha vida.

À minha filha Sofia, por ser a minha maior motivação.

Aos alunos do 6º ano B do Colégio de Aplicação – UFSC pelo envolvimento e colaboração para a realização do estágio docência.

E a Deus, por sempre me proteger, ouvir minhas orações e iluminar o meu caminho.

RESUMO

Neste trabalho, relato o caminho percorrido por mim, no estágio de docência, realizado pela acadêmica Kátia de Melo e pela acadêmica Bruna Maria de Souza, na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas – da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre de 2024, sob a orientação da Professora Priscila Finger do Prado. A elaboração do projeto de docência, para a prática de ensino-aprendizagem, partiu da ideia de valorizar a cultura indígena e seus saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Nesse projeto, trabalhamos com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, período vespertino, no Colégio de Aplicação – UFSC, os gêneros textuais mitos e lendas indígenas, através da leitura de textos retirados do livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”. Alguns dos conteúdos trabalhados foram: elementos da estrutura do conto; interpretação de texto; marcadores sequenciais; coesão e planejamento do texto. O resultado deste trabalho foi a confecção de um livro que reuniu os contos de origem produzidos pelos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Estágio de Docência. Gênero Textual Mitos e Lenda Indígenas. Conto de Origem.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO. 8	
2.1	O ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS.....	8
2.2	O CAMPO DE ESTÁGIO – COLÉGIO DE APLICAÇÃO UFSC.....	9
2.3	A TURMA.....	11
2.4	A PROFESSORA.....	11
2.5	AS AULAS.....	14
2.5.1	Aula 1 e Aula 2: 26 de março, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	14
2.5.2	Aula 3 e Aula 4: 2 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	15
2.5.3	Aula 5 e Aula 6: 4 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	16
2.5.4	Aula 7 e Aula 8: 11 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	17
2.5.5	Aula 9: 12 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	18
2.5.6	Aula 10 e Aula 11: 16 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	18
2.5.7	Aula 12 e Aula 13: 18 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	19
2.5.8	Aula 14: 19 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	19
2.5.9	Aula 15 e Aula 16: 23 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	20
2.5.10	Aula 17 e Aula 18: 25 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	20
2.5.11	Aula 19: 26 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	20
2.5.12	Aula 20 e Aula 21: 30 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	20
2.5.13	Aula 22 e Aula 23: 02 de maio, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	21
2.5.14	Aula 24: 03 de maio, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	21
2.5.15	Aula 25 e Aula 26: 09 de maio, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	21
2.5.16	Aula 27: 10 de maio, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	21
2.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
3.	PROJETO DE DOCÊNCIA.....	22
3.1	ESCOLHA DO TEMA.....	22
3.2	JUSTIFICATIVA.....	22
3.3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
3.3.1	Concepção de ensino e planejamento.....	23
3.3.2	Concepção de linguagem.....	24
3.3.3	O trabalho com os gêneros do discurso.....	25
3.3.4	Eixos do trabalho com a linguagem.....	26
3.3.5	Prática de leitura.....	26

3.3.6	Prática de escrita.....	28
3.3.7	Prática de oralidade.....	29
3.3.8	Prática de análise linguística.....	30
3.3.9	O ensino de literatura.....	30
3.4	OBJETIVOS.....	31
3.4.1	Geral.....	31
3.4.2	Específicos.....	31
3.5	CONHECIMENTOS TRABALHADOS.....	32
3.6	METODOLOGIA.....	32
3.6.1	Metodologia da Estagiária Kátia De Melo.....	32
3.6.2	Metodologia da Estagiária Bruna Maria de Souza.....	33
3.7	CRONOGRAMA.....	35
3.8	RECURSOS NECESSÁRIOS.....	36
3.8.1	Recursos materiais.....	36
3.8.2	Recursos bibliográficos.....	36
3.9	AVALIAÇÃO	36
4.	RELATO DA REGÊNCIA.....	37
4.1	REGÊNCIA DA ESTAGIÁRIA KÁTIA DE MELO.....	37
4.1.1	Aula 1 e Aula 2: 27 de junho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	37
4.1.2	Aula 3 e Aula 4: 02 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	39
4.1.3	Aula 5 e Aula 6: 04 de julho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	41
4.1.4	Aula 7: 05 de julho, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	42
4.2	REGÊNCIA DA ESTAGIÁRIA BRUNA MARIA DE SOUZA.....	43
4.2.1	Aula 1 e Aula 2: 09 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	43
4.2.2	Aula 3 e Aula 4: 11 de julho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min.....	44
4.2.3	Aula 5: 12 de julho, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min.....	45
4.2.4	Aula 6 e Aula 7: 30 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min.....	45
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6.	REFERÊNCIAS.....	47
	Anexo 1 – Cópia do questionário aos alunos.....	48
	Anexo 2 – Questionário à professora.....	51
	Anexo 3 – Registro de frequência – Período de observação.....	57
	Anexo 4 – Registro do SIARE - Kátia de Melo.....	60
	Anexo 5 – Planos de Aula.....	61

1. INTRODUÇÃO

Neste relatório final de estágio, apresento a elaboração e o desenvolvimento do meu projeto de docência, realizado no Colégio de Aplicação – UFSC. O presente trabalho visa justificar a escolha do tema, a partir da observação das aulas; fundamentar, as escolhas, teoricamente; definir objetivos para a prática docente; especificar os conhecimentos trabalhados; descrever as metodologias adotadas; concretizar um cronograma; apresentar os planos para as aulas; e relatar o período da regência.

O projeto de docência em questão, intitulado “Vozes originárias: linguagem e cultura no 6º ano do ensino fundamental”, foi desenvolvido na turma do 6º ano B. Como indica o título, decidi trabalhar com textos dos gêneros mitos e lendas indígenas, a fim de valorizar estas culturas e saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Tal objetivo se desdobra a partir dos eixos de trabalho leitura, escrita, oralidade e análise linguística. Durante as aulas, foram trabalhados conteúdos que visavam possibilitar que os alunos escrevessem um conto ao final, que foi digitado e reunido em um livro feito manualmente e entregue um exemplar a cada aluno. Assim, alguns dos conteúdos trabalhados foram: elementos da estrutura do conto; interpretação de texto; marcadores sequenciais; coesão e planejamento do texto. Ao final desse trabalho, haverá um pouco desse percurso, buscando discorrer acerca dos pontos positivos de sua execução, assim como dos pontos negativos, dos problemas encontrados.

Por fim, meu objetivo é que este relatório sirva para futuras reflexões minhas e de outros licenciados da área de Letras, assim como de professores que queiram trabalhar com os gêneros em questão. Espero que as reflexões, aqui expostas, contribuam para o enriquecimento e o desenvolvimento da área de ensino de língua portuguesa, dados os limites do relato.

2. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O estágio obrigatório I do curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade de Santa Catarina (UFSC) aconteceu no Colégio de Aplicação – UFSC (CA). Minha dupla e eu ficamos responsáveis pela turma do 6º ano B do Ensino Fundamental Anos Finais, sob a supervisão da professora Amanda Gröbe Raymundo.

As subseções a seguir apresentam a etapa escolar da turma, o campo de estágio, a turma, a professora e os registros do período de observação.

2.1 O ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

O ensino fundamental compõe a educação básica, juntamente com a educação infantil e o ensino médio (Lei Federal nº 9.394, de 1996 - nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Em condições ideais, a faixa etária dos alunos seria a de 11 a 14 anos, caracterizada como pré-adolescência e adolescência. (BRASIL, 1998, p.103). Esse período é marcado por modificações biológicas que ocorrem no corpo infantil, e os “questionamentos sobre como será sua nova imagem provocam temor, angústia e, dentro da ambivalência característica dessa fase, alegrias pela descoberta de novas emoções” (BRASIL, 1998, p.113-114). Além disso, os PCNs têm plena consciência que a adolescência é um momento de constante oscilação:

Os adolescentes querem e ao mesmo tempo temem ser independentes; querem ser adultos e crianças; querem namorar e brincar. Nesse período de ambivalência podem surgir saltos repentinos de humor: ora querem se unir a colegas que têm o mesmo sentimento, ora querem o isolamento total, podendo passar da euforia a uma indisposição difusa, sem causa aparente. Este período também é marcado por novas possibilidades de compreensão do mundo em função do desenvolvimento do pensamento lógico-formal. O adolescente, em contato com situações estimulantes nos espaços de convivência e na escola, torna-se, gradativamente, capaz de formular hipóteses sofisticadas e de acompanhar e elaborar raciocínios complexos. (BRASIL, 1998, p.113)

Tendo tudo isso em vista, os anos finais do Ensino Fundamental tem como finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1998, p.41). Além disso, ensino fundamental no Brasil, tem por objetivo segundo a Lei de Diretrizes e Bases, LDB, a formação básica do cidadão mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1998, p.41)

Com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Língua Portuguesa, pode-se afirmar que focalizam a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem. Em outras palavras, o ensino deve ser organizado de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e lingüísticos, sabendo:

- ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p.58-59)

2.2 CAMPO DE ESTÁGIO – COLÉGIO DE APLICAÇÃO UFSC

O campo de estágio foi o Colégio de Aplicação UFSC (CA). Segundo o Projeto Político Pedagógico do CA (2019), o colégio foi criado em 1961 sob a denominação de Ginásio de Aplicação. Seu objetivo era servir de campo de estágio para à prática docente dos graduandos matriculados nos cursos de Didática Geral e Específica, da Faculdade Catarinense de Filosofia-FCF, pois: “Nesse período, o funcionamento das Faculdades de Filosofia Federais foi regulamentado pelo decreto-lei nº 9.053 de 12/03/46 que determinava que as mesmas tivessem um ginásio de aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados naqueles cursos” (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2019, p.4). A princípio o CA implantou apenas a 1ª série ginásial e a cada ano foi sendo acrescentada uma nova série até completar as quatro séries do ciclo ginásial. Em 1967 foram compostas três turmas da 1º série do ginásial e no ano seguinte duas turmas de 1ª e 2º séries, dessa forma, por implantação progressiva, em 1970 havia duas turmas por série. Nesse mesmo ano, o nome Ginásio de Aplicação foi substituído por Colégio de Aplicação – CA e o colégio passou a ter a primeira série do segundo ciclo, com os cursos Clássico e Científico. As demais séries, do que hoje seria o Ensino Médio, foram implantadas

gradativamente nos anos seguintes. Por fim, em 1980, foram acrescentadas oito turmas de Ensino Fundamental, duas para cada uma das quatro séries iniciais.

Segundo Projeto Político Pedagógico do CA (2019), os estudantes eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da UFSC até a Resolução n.º 013/CEPE/92 estabelecer “o número de três turmas por série, com 25 alunos cada uma” e que “O ingresso de alunos no Colégio passa a ocorrer via sorteio aberto à comunidade”. Também a partir da Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), o Colégio tem proporcionado o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação.

Atualmente, o Colégio de Aplicação, inserido no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, é uma unidade educacional que atende duas etapas da Educação Básica: o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Ele funciona em prédio próprio, no Campus Universitário, e está localizado no Bairro da Trindade, município de Florianópolis. O Colégio de Aplicação segue a política adotada pela Universidade Federal de Santa Catarina que visa atender à trilogia de Ensino, Pesquisa e Extensão.

No momento presente, o Colégio de Aplicação UFSC conta com uma equipe de 101 professores efetivos, 11 substitutos, 50 técnicos-administrativos e cerca de 881 alunos distribuídos entre Ensino Fundamental - anos iniciais, Ensino Fundamental - anos finais e Ensino Médio. Em 11 de março de 2024, no mesmo dia em que iniciava o primeiro semestre de 2024, foi deflagrada a greve dos técnicos-administrativos em educação (TAEs). Com a deflagração, a situação do Colégio de Aplicação foi bastante alterada, uma vez que o funcionamento da escola depende dos técnicos. Em 25 de março, mesmo com essa situação apresentada, iniciamos nosso processo de observação no campo de estágio.

Em 07 de maio, foi deflagrada a greve docente e, em 15 de maio, a greve discente, o que alterou ainda mais a situação da escola. Mesmo com o sistema de rodízio, as aulas do 6º e 7º ano precisaram ser suspensas a partir de 10 de maio. Com a finalização da greve docente, as atividades da escola voltaram para esses anos, mas não normalmente. Nossa regência de estágio, portanto, só iniciou dia 27 de junho e ainda assim, dentro do sistema de rodízio, fazendo com que se tenha menos que as cinco aulas semanais de Língua Portuguesa previstas.

2.3 A TURMA

O Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio de Aplicação apresenta três turmas para o 6º ano: A, B e C. As turmas costumam conter tanto alunos antigos – repetentes ou recém-chegados do Ensino Fundamental Anos Iniciais – quanto alunos novos – sorteados para ingressar no CA. Os 6º anos possuem cinco aulas de Língua Portuguesa semanais.

O 6º B possui 25 alunos e a faixa etária é entre 11 e 12 anos: 14 meninas e 11 meninos; destes, um aluno é repetente; há uma aluna autista. Para auxiliá-la tem uma professora da Educação Especial, mas esta se divide entre os 6º anos e por isso nem sempre está na sala. O 6º B também é assistido por um bolsista que os acompanha em todas as disciplinas. A turma é bastante agitada, o que colabora para a frequente dispersão da atenção. No nível social, a turma se divide em grupos de meninos e meninas e os subgrupos geralmente são duplas ou trios. Mas há interação entre todos.

A sala de aula do 6º ano B fica no 2º andar do bloco D. Os alunos sentam nas carteiras organizadas por fila. À frente, está a mesa da professora ao lado de um armário, mas dificilmente a professora encontra-se sentada.

A lousa é um quadro branco no qual se escreve com canetão. Logo acima do quadro, há a tela de projeção do *datashow* que fica guardada para não inviabilizar o uso do quadro. Há um projetor de teto na sala, mas este não está funcionando no momento. Em uma parede lateral da sala, localizam-se as janelas e na outra o mural de avisos, o espelho de classe e a grade de horários da turma. As janelas geralmente se encontram fechadas e o ar-condicionado ligado.

2.4 A PROFESSORA

A professora de Língua Portuguesa do 6º ano B é a professora Amanda Gröbe Raymundo. Formada desde abril de 2019 pela Universidade do Vale do Itajaí, possui Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa com a respectiva Literatura e especialização em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação. Sua atuação no magistério iniciou-se em 2015 através do PIBID e, desde 2023 atua como professora substituta no Colégio de Aplicação da UFSC. Atua em três turmas de 6º ano e uma turma de 8º ano, somando 20h/aula semanais e mais 2h-/aula de Recuperação de Estudos no contraturno de cada ano e 1 h/aula disponível para atendimento aos pais.

A licenciatura não foi a sua primeira opção, inicialmente tentou vestibular para medicina durante três anos, mas por falta de suporte para continuar começou a estudar Comércio Exterior. Fez dois semestres enquanto trabalhava na área com seguro internacional marítimo, até perceber que não se adaptava ao escritório. Nesse momento, na busca por seus talentos, descobriu que o seu interesse era o conhecimento e com isso chegou às licenciaturas optando pela Língua Portuguesa, essencialmente por ser leitora.

A professora Amanda procura buscar o laço emocional com seus alunos, pois pensa que antes do conteúdo deve vir o bom relacionamento entre professor e aluno para gerar abertura e interesse pela aprendizagem. Ela relata que em uma mesma turma há estudantes com suporte familiar e emocional, recursos para estudo, assim como tecnologia e acesso à cultura, como também há os estudantes com divisões familiares, disputas judiciais em casa, falta de alimento, escassez econômica, situação de risco e más condições de desenvolvimento próprios de um adolescente. E ela sabe que uma criança que não dorme bem, não é bem nutrida e não tem segurança daqueles que deveriam protegê-la é uma criança que não se interessa pela escola. Sua maior dificuldade é medir essas diferenças sabendo que para alguns alunos o conteúdo está abaixo do que podem desenvolver e para outros será um esforço para alcançá-lo.

Perguntada sobre as concepções de sujeito e de língua/linguagem em que se baseia, a professora Amanda respondeu que entende a linguagem como sendo a manifestação do pensamento, aquilo que se traduz na mente, uma faculdade humana que gera interação com o outro por meio da língua, um sistema organizado e passível de manifestações simbólicas. E com relação a concepção pedagógica que a professora Amanda contempla em suas aulas, ela se aproxima da visão interacionista e gosta bastante do referencial de Bakhtin, Jakobson, Saussure, Howard Gardner, o pragmatismo a respeito da leitura que Mortimer Adler apresenta, o estudo da gramática por Maria Tereza de Queiroz Piacentini e Evanildo Bechara, e também algumas concepções dos ensaios de Michel de Montaigne. A professora Amanda não costuma se ater aos autores no dia a dia, mas estes fizeram parte da base de sua formação, além da filosofia da linguagem e da psicologia. Ela também busca uma abordagem humanista, mas não se coloca próxima à progressista. Também procura criar oportunidades para que os alunos interajam com diferentes gêneros textuais, contextos comunicativos e práticas discursivas por meio de atividades que promovam a comunicação oral e escrita, formulação de respostas em grupo, leitura compartilhada e produção textual, para que os estudantes possam desenvolver suas habilidades linguísticas e comunicativas de forma significativa. A

ênfase é dada não apenas à transmissão de conhecimento, mas também à construção conjunta do saber, pois acredita que os estudantes precisam de referência e para isso não precisam ser tolhidos.

Sobre a metodologia e o planejamento das aulas, a professora Amanda respondeu que o planejamento ocorre semanalmente dentro do tema previamente instituído para o trimestre, com isso, o método é pensado de acordo com os objetivos estabelecidos para o conjunto das cinco aulas da semana. Para atingir tais objetivos, os métodos acabam variando de aulas expositivas, abordagem comunicativa, aprendizagem cooperativa, ensino explícito de estratégias de leitura e escrita e métodos práticos de resolução de exercícios. Ela gosta bastante da aprendizagem baseada em projetos, método que utilizava em outra instituição e que foi parte do estudo da sua especialização, no entanto ainda não conseguiu adequar à realidade dos estudantes, devido às condições prévias de conhecimento da língua e autonomia. Para o próximo trimestre, pretende incluir atividades de gamificação (Quiz da Ortografia e Caça ao Tesouro) e aprendizagem baseada em tarefas, que foram métodos mais eficazes para mediação no sexto ano após a adaptação do início do ano letivo.

Com relação a concepção de avaliação, a professora Amanda respondeu que para ela a avaliação não é somente um instrumento científico e factual, mas também abarca elementos humanos e inclui o avaliador no processo. No dia a dia, busca estar na sala atenta a todos os contextos que precisam ser avaliados: a compreensão do conteúdo, a disposição do estudante em estar em sala, sua atenção voltada para o aprendizado ou sua distração por causa de um fator externo, interno ou entre os pares, todas essas circunstâncias, aula após aula, interferem substancialmente no resultado esperado para os objetivos propostos para o trimestre. Portanto, por meio das leituras, resolução de exercícios e dúvidas que partem dos estudantes, com o intuito de facilitar a aquisição de novos conhecimentos, atitudes e habilidades, ela consegue perceber (nem sempre com tanta facilidade) o que precisa ser aprofundado, revisado ou acrescido. Por essa razão, divide seu plano de aula pensando nas três modalidades de avaliação: diagnóstica, prévia à tomada de decisões; processual, integrada à execução da ação avaliada; e global, efetuada após a prática, englobando tanto a elaboração quanto os resultados e desdobramentos das atividades avaliadas. Para o trimestre, são previstas 3 notas que podem surgir mediante qualquer objeto avaliativo e as divido em produção de texto, produção oral e avaliação de leitura, interpretação e análise linguística.

2.5 AS AULAS

Durante o período de observação, temos que observar no mínimo dez aulas. Porém, após o término dessas dez aulas, continuou-se a observação por mais dezessete aulas. Cada aula no Colégio Aplicação tem duração de 40 minutos. Os relatos das dez primeiras aulas observadas serão apresentados a seguir. As demais aulas serão descritas brevemente. Vale observar que depois da décima quarta aula, começamos a participar mais ativamente das aulas e a interagir com os alunos criando vínculos e os conhecendo melhor.

2.5.1 Aula 1 e Aula 2: 26 de março, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

A aula teve início com a entrada da professora Amanda e das estagiárias. A professora pediu silêncio para a turma que estava bem agitada e pediu para que nós nos apresentássemos. Nós falamos nossos nomes, falamos que somos alunas do curso de Letras Português da UFSC e que para concluirmos o curso precisamos passar pela etapa do estágio e por isso ficaríamos com eles até o fim do semestre, observando e aprendendo com eles, e por fim, daríamos algumas aulas para eles. Não é novidade para os alunos do 6º ano B ter estagiárias na sala, visto que eles já têm o estagiário Artur. E também, durante a nossa apresentação, eles até falaram que já sabiam que estávamos estudando para ser professoras. Eles só questionaram se íamos ficar até o fim do ano e quando começaríamos a dar aula para eles. Depois disso nos sentamos no fundo da sala, e ficamos observando a aula e fazendo anotações.

A professora pediu para os alunos pegarem a atividade que eles haviam iniciado na última aula, pois eles iriam finalizá-la na primeira aula de português do dia. Tratava-se de uma atividade de recorte e colagem que funcionava da seguinte forma: Os alunos escolhiam um livro dentre as opções que a professora trouxe para ler e fazer uma ficha de leitura diferente. A ficha de leitura pedia o título da obra, autor, ilustrador, editora, número de páginas como qualquer outra, a diferença estava no resultado final, pois a folha A4 ficava na horizontal dividida em três partes, sendo a primeira delas composta por marcadores que você abre de forma interativa para revelar a informação. Na segunda parte, era o desenho de um livro e o aluno poderia desenhar a capa. A terceira e última parte era um questionário sobre o que o aluno achou do livro e embaixo havia uma espécie

de bolso para guardar fichas nos quais os alunos deveriam preencher com informações do livro como o gênero literário, por exemplo. Durante a primeira aula a professora ficou circulando pela sala auxiliando os alunos. Por se tratar de uma atividade que exigia pintura, recorte e colagem, os alunos compartilhavam lápis, canetas, tesoura, cola... e ficavam circulando pela sala, conversavam alto. Mas muitos não estavam fazendo a atividade, apenas participavam do agito. A maioria dos alunos não conseguiu terminar a atividade ainda na primeira aula e a professora estendeu a atividade por mais alguns minutos e pediu para os alunos terminarem em casa.

A atividade da segunda aula de português do dia era ensaiar para a prova oral que eles teriam mais para frente. A professora primeiro explicou como seria a prova e depois iniciou o ensaio. Nesse momento os alunos estavam menos agitados, mas ainda continuavam conversando, às vezes andando pela sala, e alguns ainda faziam a atividade anterior.

2.5.2 Aula 3 e Aula 4: 2 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

Iniciou-se a aula com a professora Amanda fazendo a chamada e depois ela começou a perguntar aos alunos o que era narrativa. Os alunos arriscaram algumas respostas, mas precisaram da explicação da professora. Após essa introdução, a professora entregou uma folha com um texto de Monteiro Lobato, cujo nome era “A onça doente”, para leitura silenciosa. Após a leitura silenciosa, iniciou-se a leitura em voz alta feita pelos alunos. Cada aluno lia um parágrafo enquanto a professora fazia comentários sobre o texto, explicando o significado de algumas palavras e expressões como “fome das negras”. A professora até questionou os alunos se seria uma frase racista, o que gerou uma discussão bem interessante na turma, visto que algumas crianças disseram ser racista porque não precisava usar essa expressão, poderia usar outra expressão mais adequada e menos ofensiva. Mas alguns alunos disseram não ser racista porque se tratava de um texto antigo e na época era uma expressão comum. Então, a professora explicou o contexto histórico do texto e o termo “fome das negras”, depois sugeriu aos alunos que pensassem em palavras que substituíssem a expressão utilizada pelo autor, e todos concordaram que se substituísse essa expressão por “muita fome”, por exemplo, ficaria melhor.

Na mesma folha com o texto lido, tinha a explicação do que era uma narração. A professora leu e explicou o conteúdo da folha, que apresentava os elementos da narração: enredo, personagens, espaço ou lugar e tempo. Após as explicações, a professora entregou

uma segunda folha com um texto de Martha Azevedo Pannunzio, “O canarinho belga”. Abaixo, do texto havia uma atividade que pedia para identificar os elementos da narração. A professora deu um tempo para os alunos lerem o texto e fazer a atividade. Depois iniciou a correção oral e dessa vez foi a professora quem leu o texto. Os alunos tiveram bastante dificuldade para identificar o enredo, tempo e espaço. Com relação aos personagens, os alunos só ficaram com dúvida se o papai de Cristiano era personagem, visto que ele havia sido citado no texto, mas não praticou nenhuma ação na narrativa. Como terceira e última atividade, a professora entregou uma folha cuja atividade pedia para escrever uma história com enredo, personagens, espaço e tempo já definidos. Os alunos tiveram poucos minutos para escrever a sua narração e ficou como tarefa terminar o texto em casa para a próxima aula. Foi um dia bem produtivo e os alunos participaram bastante da aula.

2.5.3 Aula 5 e Aula 6: 4 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

A aula começou com a professora pedindo para os alunos entregarem a tarefa da aula passada. Como às quintas-feiras a aula de português é o primeiro horário, os alunos estavam bastante agitados. A professora Amanda começou a explicar sobre a prova oral que eles fariam: metade da turma levará o livro, tema da prova oral, para casa para ler, treinar a leitura em voz alta, fazer o estudo do enredo, personagens, espaço e tempo. Esses alunos farão a prova e entregarão o livro para outro colega, pertencente a outra metade da turma, que fará a prova da mesma forma. Esclarecido as dúvidas, a professora começou a passar um conteúdo no quadro e pediu para os alunos copiarem. O conteúdo era sobre narrativas, sendo que a professora primeiro passou uma explicação geral e depois ela especificou os gêneros fábulas, contos e lendas. A turma continuou bem agitada e com muitas conversas paralelas. Os alunos ficavam mudando de lugar e arrastando carteiras para conseguir, segundo eles, copiar. A professora Amanda já havia nos dito que quando ela passava algum conteúdo no quadro os alunos reclamavam de ter que copiar e ficavam muito mais dispersos do que quando era entregue o conteúdo já impresso para eles. Depois que a professora passou o conteúdo, ela deu um tempo para os alunos copiarem no caderno, mas alguns não copiaram, outros que estavam conversando não conseguiram terminar e ela precisou seguir com a aula. A professora entregou a lenda “A origem das cores dos pássaros” para os alunos lerem e marcarem as palavras repetitivas. A professora explicou o que era para fazer, mas como tinha muitas conversas paralelas, muitos alunos

ficaram com dúvida e outros nem fizeram a atividade. A professora ficou circulando pela sala ajudando os alunos e nós estagiárias ajudamos alguns alunos que vinham até nós pedir ajuda. Quase no fim da aula, a professora iniciou a correção. A professora leu o texto e conseguiu corrigir o primeiro parágrafo.

2.5.4 Aula 7 e Aula 8: 11 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

Para esse dia estava marcada a prova oral. Então a professora Amanda pediu para os alunos organizarem as carteiras em um grande semicírculo e pegarem o livro que eles levaram para casa para estudar. Ela explicou que os alunos em prova não poderiam sair para ir ao banheiro, também pediu o máximo de silêncio possível, para não atrapalhar os colegas, e também falou que os alunos que não estivessem fazendo a prova poderiam ler algum livro, desenhar, menos conversar.

A primeira parte da prova avaliava a leitura em voz alta dos alunos. Os alunos precisavam estar atentos e acompanhando a leitura, pois cada aluno lia até o ponto e o colega ao seu lado continuava a leitura. A professora avaliou a entoação, ritmo, fluência da leitura e a articulação.

A segunda parte da prova consistia em um leilão literário, cujo intuito era apresentar o livro: nome, autor, ilustrador, editora e alguma outra informação que o aluno gostaria de trazer. Funcionava da seguinte forma: um aluno começava dando um primeiro lance: nome do livro e autor, por exemplo, depois um segundo aluno dava um lance maior: nome do livro, autor, ilustrador e editora... e assim sucessivamente.

A terceira e última parte foi a mais demorada e consistia em escolher uma das histórias do livro para apresentar. Nessa apresentação o aluno precisava dizer quem eram os personagens, tempo, lugar, enredo e moral da história. A professora avaliou o estudo do livro, ou seja, se o aluno apresentou conhecimento da história selecionada e também a interpretação e apresentação do enredo, observando se o aluno identificou os personagens, tempo e lugar corretamente. O mais interessante foi quando a professora perguntava o motivo do aluno ter escolhido aquela história, e nem sempre era por afinidade. A maioria das vezes era porque a história era menor, ou tinha poucos personagens, era mais fácil de lembrar, ou porque tinha sido a mais interessante, mas poucos alunos responderam que era a história que eles mais gostaram.

Após o encerramento das avaliações, a professora avisou que entregaria as notas na próxima aula e entregou os livros para a outra metade da turma realizar a prova na semana seguinte. Por fim, pediu para os alunos organizarem a sala e encerrou a aula.

2.5.5 Aula 9: 12 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

A professora Amanda começou a aula perguntando o que são artigos, verbos e pronomes. Os alunos foram dando várias respostas que foram levando a outras perguntas como “para que servem os substantivos?”, “qual é a função dos adjetivos?”, “qual a função dos verbos?”, entre outras. Os alunos se empolgaram bastante com a discussão. Após esse momento, a professora entregou uma folha com perguntas para os alunos responderem e avisou que ainda naquela aula seria feita a correção. Os alunos ficaram com algumas dúvidas e a professora foi ajudando eles a responder, assim como as estagiárias iam ajudando quem as solicitava. Após alguns minutos, a professora Amanda iniciou a correção, mas como não daria tempo de terminar, ela orientou que os alunos guardassem a folha em suas pastas para terminarem na próxima aula. A professora entregou as notas da prova oral para os alunos que já a haviam feito. A nota estava numa folha com os critérios de avaliação. Os alunos deveriam colar a folha na agenda e trazer assinado.

2.5.6 Aula 10 e Aula 11: 16 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

Os alunos estavam muito agitados nesse dia, e por isso a professora teve que esperar eles se acalmarem. Ela ficou 10 minutos parada na porta esperando. Com o passar desse tempo, os próprios alunos foram se monitorando e pedindo para os colegas sentarem e ficarem em silêncio. A professora então avisou que como eles tiraram 10 minutos da aula dela, ela também tiraria 10 minutos do intervalo deles, visto que as aulas de terça-feira são antes do intervalo. Os alunos ficaram indignados, mas foram pedindo silêncio aos colegas para não perderem mais tempo de intervalo. Então a professora solicitou que os alunos pegassem o texto “A origem das cores dos pássaros” que ela havia entregado no dia 4 de abril. Ela lembrou que era para os alunos acharem as palavras repetitivas que apareciam no texto. Depois, pediu para um aluno ler até o ponto, seguido por outro aluno que também leu até o ponto e durante as leituras a professora ia perguntando quais palavras repetitivas tinham aparecido no texto, em seguida perguntava se precisava trocar por outras palavras. Dessa forma, a professora começou a escrever no quadro as frases onde havia palavras a serem substituídas, identificava a palavra e escrevia algumas

possíveis possibilidades de troca. Houve, então, a necessidade da professora explicar para os alunos a classe de palavras que dá nomes às coisas: que é a classe dos pronomes. Dessa forma a professora fez um esquema no quadro para os alunos entenderem. Basicamente a professora explicou que os pronomes existem para que nós possamos trocar substantivos repetidos em um texto e explicou que os substantivos eram os nomes. Ela explicou também de forma breve os pronomes retos *ele* e *ela* e os oblíquos *o*, *-lo* e *a*, *-la*. No entanto, a professora não conseguiu terminar a correção, visto que os alunos estavam bem agitados e interrompiam a professora com assuntos aleatórios e comentários que fugiam do conteúdo da aula. O barulho e as interrupções exigiam que a professora ficasse repetindo várias vezes uma mesma informação, o que tomou muito tempo de aula.

2.5.7 Aula 12 e Aula 13: 18 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

O segundo dia de prova oral estava marcado para essa data. Então, a professora Amanda seguiu com os mesmos procedimentos do primeiro dia de prova oral. A diferença do segundo dia de prova em relação ao primeiro é que os alunos trouxeram anotações no caderno para ajudar a lembrar de detalhes do livro e alguns alunos não leram o livro todo. Ao final da aula, a professora recolheu os livros e pediu para os alunos organizarem a sala.

2.5.8 Aula 14: 19 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

A professora solicitou que os alunos pegassem a folha com a atividade sobre substantivos e adjetivos que ela havia entregado no dia 12 de abril e iniciou a correção das atividades. A professora fez a correção oralmente e usou o quadro em algumas questões. Depois, a professora marcou a segunda avaliação do semestre para o dia 02 de maio. Dessa vez ela seria uma prova escrita sobre análise linguística e interpretação textual. Os conteúdos que cairiam na prova foram:

- a. textos narrativos;
- b. elementos da narrativa (personagem, tempo, espaço e enredo) bem como o foco narrativo;
- c. conhecimento sobre conectar ideias e/ou frases com conjunções;
- d. marcadores de tempo;
- e. nome e pronomes, bem como saber evitar repetições no texto;
- f. adjetivos e locuções adjetivas;
- g. formação de parágrafos, pontuação e uso de recuo na primeira linha;
- h. concordância verbal e nominal.

A professora começou então a explicar o que é locução adjetiva e a diferença entre locução adjetiva e adjetivo. Após a explicação, a professora entregou uma folha de atividade. Muitos alunos terminaram em sala, inclusive. A professora e as estagiárias auxiliaram os alunos durante a atividade.

2.5.9 Aula 15 e Aula 16: 23 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

Nessa aula, a professora entregou uma folhinha com o acróstico P.E.N.T.E., para ajudar os alunos a gravarem os elementos da narrativa (personagem, espaço, narrador, tempo e enredo). Ela explicou cada um deles, retomando o assunto. Depois entregou um conto de Marina Colasanti “Uma ideia toda azul”. Os alunos leram em voz alta, um por vez. Depois a professora fez uma segunda leitura. A aula acabou antes da professora conseguir pedir para os alunos identificarem no conto o P.E.N.T.E.

2.5.10 Aula 17 e Aula 18: 25 de abril, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

A professora Amanda levou os alunos ao laboratório. Era um dia chuvoso e bem propício para uma aula diferente. Os alunos precisaram identificar os elementos da narrativa (P..E.N.T.E.) presentes no conto que eles leram na aula anterior. Depois a professora passou um vídeo com a leitura do conto. Em seguida, iniciou a correção da atividade. Por fim, a professora entregou uma folha explicando sobre a estrutura do conto e com uma pequena atividade final. A professora iniciou a leitura e explicação do conteúdo e deixou os alunos fazerem a atividade.

2.5.11 Aula 19: 26 de abril, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

Nesse dia os alunos tinham que produzir um desfecho para o conto que a professora Amanda trouxe. O título do texto era “A mensagem” e foi uma aula proveitosa e divertida. Os alunos estavam bem empolgados.

2.5.12 Aula 20 e Aula 21: 30 de abril, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

A professora novamente levou os alunos ao laboratório. Os alunos assistiram ao vídeo de Daniel Munduruku falando sobre os povos indígenas. A professora explicou um pouco sobre as lendas indígenas e disse que os alunos leriam uma lenda, mas antes, ela

faria uma dinâmica com eles. O texto a ser lido estava cortado em tiras e os alunos precisavam descobrir a ordem correta do texto e montá-lo. Foi um momento de descontração. Depois da dinâmica, a professora fez a leitura do texto e realizou um roteiro de leitura oral com os alunos. A professora também entregou um simulado da avaliação para os alunos estudarem para a prova. A prova seria dia 02 de maio, mas acabou sendo adiada para o dia 09 de maio.

2.5.13 Aula 22 e Aula 23: 02 de maio, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

Essa aula foi dedicada à explicação e correção do Simulado de Avaliação entregue na aula anterior.

2.5.14 Aula 24: 03 de maio, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

Continuação da aula passada. Basicamente foi uma revisão para a prova.

2.5.15 Aula 25 e Aula 26: 09 de maio, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

Nessa aula os alunos realizaram a avaliação escrita.

2.5.16 Aula 27: 10 de maio, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

A professora Amanda passou no quadro um passo a passo de como produzir um conto e pediu para os alunos elaborarem um planejamento seguindo o passo a passo. Depois, os alunos deveriam produzir um conto a ser entregue na semana seguinte.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é um momento oportuno para empregar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. E o período de observação é essencial para conhecermos o ambiente que tanto falamos nas disciplinas da licenciatura: a sala de aula. Ambiente este que é diverso e possui suas próprias especificidades a depender da escola, da turma e do(a) professor(a). Além disso, para se fazer um bom projeto de docência é necessário conhecer a escola, a turma, o que o(a) professor(a) supervisor(a) trabalhou com os alunos antes da regência e

também os objetivos que pretende alcançar até o fim do trimestre, ou do ano. Por isso, precisa-se tanto do período de observação.

No período do estágio, o futuro professor tem a oportunidade de analisar-se e renovar-se quanto às suas metodologias e didáticas ao testá-las, ao observá-las em campo. Dessa forma, pode compreender que transformações e melhorias deverão ser feitas durante sua carreira profissional. Afinal, cada turma comporta alunos com realidades de vida diferentes, assim como cada escola possui determinadas condições de funcionamento.

A observação faz com que o futuro professor idealize sua regência, mas também o faz entender que “dar aula” não é executar uma receita pronta. É aventurar-se. O planejamento dará segurança, mas a flexibilidade será um ótimo norteador pra lidar com as incertezas do cotidiano escolar.

3. PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1 ESCOLHA DO TEMA

O tema escolhido para este projeto de docência foi “Vozes originárias: linguagem e cultura no 6º do Ensino Fundamental”.

3.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu de forma natural, visto que se tinha a ideia de dar continuidade ao trabalho já desenvolvido pela Professora Amanda. Como o 6º ano B estava vendo os gêneros narrativos e no plano de ensino anual da Professora Amanda constava o trabalho com mitos e lendas indígenas, pensou-se ser uma boa escolha de tema a ser desenvolvido naquele momento. As Professoras Amanda e Priscila gostaram da escolha e dessa forma iniciou-se a pesquisa com relação ao texto a ser trabalhado com os alunos. O projeto de docência trabalha com o gênero escolhido a partir dos eixos leitura, oralidade, escrita e análise linguística. Como seria feita uma avaliação com os alunos, a Professora Amanda pôde sugerir qual seria a avaliação e ela optou por uma produção escrita. Assim sendo, delimitamos o tema: “Vozes originárias: linguagem e cultura no 6º do Ensino Fundamental”. Cabe destacar que o tema coaduna com a legislação atual, especialmente as leis 10.639 e a 11.645 que institui obrigatoriedade ensino história e cultura indígena e afro-brasileira. Além disso, o tema do projeto de docência condiz com as proposta e orientações dos PCNs e do planejamento da Professora Amanda,

3.3 REFERENCIAL DE TEÓRICO

3.3.1 Concepção de ensino e planejamento

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.140): “A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis — livro didático, giz e lousa, televisão ou computador”.

O Brasil é um país com grande diversidade regional, cultural e com grandes desigualdades sociais; portanto, não é possível pensar em um modelo único para incorporação de recursos tecnológicos na educação. É necessário pensar em propostas que atendam aos interesses e necessidades de cada região ou comunidade. Se entendermos a escola como um local de construção do conhecimento e de socialização do saber; como um ambiente de discussão, troca de experiências e de elaboração de uma nova sociedade, é fundamental que a utilização dos recursos tecnológicos seja amplamente discutida e elaborada conjuntamente com a comunidade escolar, ou seja, que não fique restrita às decisões e recomendações de outros.

A aprendizagem de conceitos se dá por aproximações sucessivas. Para aprender sobre digestão, subtração ou qualquer outro objeto de conhecimento, o aluno precisa adquirir informações, vivenciar situações em que esses conceitos estejam em jogo, para poder construir generalizações parciais que, ao longo de suas experiências, possibilitarão atingir conceitualizações cada vez mais abrangentes; estas o levarão à compreensão de princípios, ou seja, conceitos de maior nível de abstração, como o princípio da igualdade na matemática, o princípio da conservação nas ciências etc.

O conhecimento, portanto, é resultado de um complexo e intrincado processo de construção, modificação e reorganização utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares. O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe. Isto é, a ação pedagógica deve se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se constituir em verdadeira ação educativa.

3.3.2 Concepção de linguagem

A abordagem teórico-metodológica que fundamenta esta ação docente considera o aluno como “sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento” (BRASIL, 1998, p.22), assumindo assim a dimensão interacional da linguagem. Dessa forma “os sujeitos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles, mediada pela interação com o outro” (BRASIL, 1998, p.33). Além disso, este projeto de docência também tem sua fundamentação teórica norteada pelas discussões de ensino e aprendizagem que entendem o trabalho com o texto em sala de aula não como mera atividade mecânica, mas como prática social. Pois de acordo com os PCNs:

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional (BRASIL, 1998, p. 20)

Assim, ao contrário de uma prática dita tradicional, que via o estudo da língua a partir de uma perspectiva prescritiva, a prática social da linguagem focaliza a interação verbal como “o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem” (GERALDI, 1997, p.6). Dessa forma, estamos admitindo que a língua não está pronta, visto que a língua é um sistema no qual os sujeitos se apropriam para “usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói” (GERALDI, 1997, p.6). E os sujeitos “se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo” (GERALDI, 1997, p.6). Assim sendo, para Geraldi (1997), o ensino em sala de aula não se dá através de conteúdos de ensino prontos e acabados, mas sim através de atividades interlocutivas que tomam as falas em aula como instrumentos de acesso e apropriação de um conhecimento e são nessas interlocuções que afloram informações e conformações do tema. Somado a isso, pode-se acrescentar a seguinte afirmação de Bakhtin (2006, p.115): “toda palavra comporta duas faces”, visto que, segundo ele:

Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p.115)

3.3.3 O trabalho com os gêneros do discurso

Nos Parâmetros curriculares nacionais, o texto é o centro do trabalho da língua, pois:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. (BRASIL, 1998, p.22)

No que tange ao trabalho com os gêneros do discurso, este projeto de docência se baseia na seguinte afirmação de Bakhtin (2011, p.261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional

Dessa maneira, vê-se a língua a partir de seu uso. Vale acrescentar também que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 2011, p.262, grifo do autor). Ou seja, as esferas ou campos da atividade humana delimitam os lugares, as relações nas quais os gêneros e os enunciados podem acontecer; já os gêneros, que podem ser primários ou secundários, caracterizam um enunciado; e o enunciado é a unidade da comunicação real discursiva e é sempre único, irrepetível e intencional.

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), os gêneros devem se complexificar ao longo do processo formativo, tanto em relação à temática que parte de um nível mais particular, ao relatar vivências, até chegar à esfera científica e filosófica,

ao refletir sobre a sociedade e o pensamento humano; quanto em relação ao estilo da linguagem, partindo do uso de *blogs* até chegar em textos mais complexos, como reportagens, periódicos e textos literários. Ou seja, sair do gênero primário, que teria um vínculo imediato com o momento, e chegar ao gênero secundário, que surge do primário e ganha certa perenidade.

3.3.4 Eixos do trabalho com a linguagem

Esta ação docente está considerando como eixo do trabalho com a linguagem as práticas de linguagem já consagradas nos documentos curriculares, como os PCNs e a BNCC. Conforme os PCNs (1998, p.35): “os conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental devam ser selecionados em função do desenvolvimento dessas habilidades e organizados em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita e a análise e reflexão sobre a língua”. Ou seja, no eixo do uso estão as práticas de leitura, escrita, fala e escuta de textos. Já no eixo da reflexão, está a prática de análise linguística. Por outro lado, na BNCC, encontraremos quatro eixos. São eles:

oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses) (BRASIL, 2018, p.71)

Tanto os PCNs, quanto a BNCC estão considerando os mesmos conteúdos, apenas separam em eixos diferentes. Neste projeto de docência, se utilizará a divisão em eixos da BNCC. Será aprofundado cada um dos quatro eixos nas seções a seguir, a começar pela prática de leitura, seguindo pela prática de escrita, prática de oralidade e prática de análise linguística.

3.3.5 Prática de leitura

No que tange o trabalho com a leitura, os PCNs afirmam que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1998, p.40)

Logo em seguida é acrescentado nos PCNs um importante adendo: “Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita” (BRASIL, 1998, p. 41). Sobre decodificação, Britto (2012) afirma que a leitura pressupõe duas ações básicas: decifração (ou decodificação) e interpretação (ou compreensão). Caso não aconteçam essas duas ações básicas em dialética não há ato de ler, não há leitura, pois para o autor:

No que tange à pedagogia da leitura, interessa especialmente observar que interpretar não é ler (ainda que faça parte da leitura), da mesma forma que uma leitura é diferente de uma escuta de falas do dia a dia. O teatro, a música, o cinema, a pintura, assim como a aula, não são leitura propriamente: supõem processos intelectuais diferentes, mesmo que muitas vezes tão complexos quanto e com muitas articulações com a leitura do texto. Não se diz isso desprezando tais atividades e objetos de cultura, mas exatamente para evitar um pernicioso e inútil pan-conceito de leitura. Se tudo for leitura, ler não será nada. (BRITTO, 2012, p.27)

O autor destaca o que não é leitura a partir do pressuposto básico de que se não houver decifração e interpretação em dialética no ato de ler, não há leitura. Mas então o que é ler? Britto (2012, p.27) aponta que:

Ler, em alguma medida, especialmente pelo modo como se constituiu a modalidade escrita na sociedade ocidental, implica a interação intelectual com discursos cuja organização se afasta das formas da oralidade, com léxico, sintaxe e prosódia próprios, sustentando-se sobre outro tipo de referencialidade, mais distante do contexto imediato e vinculada a estratégias mais tensas de representação, ocupando lugar específico na dimensão cultural e intelectual. Ademais, em razão de sua materialidade, o texto escrito oferece condições muito particulares de metacognição: a pessoa pode verificar o que leu, chegar a correção de termos, estabelecer relações explícitas entre partes do texto, enfim controlar o processo intelectual, o tempo em que esse se realiza e seus resultados.

Dessa forma, entendemos a leitura como sendo uma atividade que mobiliza vários conhecimentos como “linguístico, enciclopédico, comunicacional e de textos” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 214), exigindo do leitor “atenção às estratégias de referenciação, bem como à sequenciação das ideias, uma vez que são importantes aspectos da coesão textual que contribuem para a construção do sentido do texto” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 214).

Uma prática bastante produtiva com a leitura em sala de aula pode advir do uso de roteiros. Segundo Souza, Seimetz-Rodrigues e Weirich (2019, p.173):

Dos propósitos aos quais os roteiros podem servir, salientamos o ensinar a ler, a estudar, o ensinar conteúdos, o avaliar o quanto e como os estudantes leem. Trata-se de objetivos autônomos mas não independentes, pois, ao se ensinar a ler, está-se ensinando também a estudar e de alguma forma criando contexto para que conteúdos possam ser aprendidos, por exemplo, além, é claro, de se poder avaliar enquanto se ensina a ler.

O roteiro, além de ser uma forma de desautomatizar a leitura, também é uma forma de orientá-la e assisti-la com propósito de “incidir sobre as habilidades de leitura, o que envolve o trabalho sobre estratégias, procedimentos e comportamentos, bem como o seu produto, enquanto a atividade de leitura ainda está em curso” (SOUZA, SEIMETZ-RODRIGUES, WERICH, 2019, p.173). Ou seja, o roteiro é um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

3.3.6 Prática de escrita

O trabalho com produção de textos tem como finalidade, segundo os PCNs (1998, p.47): “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes”. Em seguida, os PCNs também apontam o que seria um escritor competente:

é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (...) Um escritor competente é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero. (...) Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. (BRASIL, 1998, p. 47-48)

No que diz respeito à produção de texto, Geraldi (1997, p.137) irá apontar as condições de produção em qualquer modalidade. Para ele é que preciso que (i) se tenha o que dizer; (ii) que se tenha uma razão para dizer; (iii) que se tenha para quem dizer; (iv) que o locutor se constitua como tal e (v) que se escolham as estratégias de dizer. Além disso, Britto (2003) salienta que há diferença entre produção textual e redação, pois a redação pressupõe um modelo, e é “considerando-se as características da escrita, a manipulação de recursos próprios da escrita, em condições determinadas, visando à constituição de um discurso.” (BRITTO, 2003, p.165), enquanto a produção de textos é “a atividade mesma da escrita” (BRITTO, 2003, p.165). Ou seja, se a escrita não mobiliza as condições de

produção de texto apontadas por Geraldi (1997), estamos apenas escrevendo uma redação, para depois jogá-la fora, uma vez que lhe falta função social.

3.3.7 Prática de oralidade

Segundo os PCNs (1998, p.27):

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

É claro que a escola não precisa ensinar os alunos a falarem, mas não é uma tarefa fácil expressar-se oralmente em uma apresentação de trabalho de escola, por exemplo. É algo que requer confiança em si mesmo e prática. “Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é” (BRASIL, 1998, p.38). Por isso, cabe à escola o papel de ensinar o aluno a desenvolver suas habilidades comunicativas. No entanto, segundo Dolz; Schneuwly e Haller (2004, p.166): “no ensino, o oral também não está bem compreendido como objeto autônomo de trabalho escolar, e, seguindo a concepção da linguística histórica, permanece bastante dependente da escrita”. Os autores explicam que “se o oral encontra dificuldade para tomar seu lugar no ensino é também porque a distinção entre oral e escrita traz consigo inúmeras confusões e parece de difícil compreensão” (DOLZ, SCHNEUWLY, HALLER, 2004, p.162). Logo, os autores propõem que para que o oral se constitua como objeto legítimo de ensino é necessário, antes de tudo, que haja um esclarecimento das práticas orais da linguagem que serão exploradas na escola, bem como a caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados. Dolz; Schneuwly e Haller (2004, p.173, grifos dos autores) citam três formas particularmente importantes: “a recitação de poemas, a *performance* teatral em suas múltiplas formas e a leitura para os outros”. Para os autores, a realização dessas três atividades resultam em um texto oral e não em uma produção de texto.

3.3.8 Prática de análise linguística

As atividades de análise linguística, segundo os PCNs (1998, p.53) são:

aquelas que tomam determinadas características da linguagem como objeto de reflexão. Essas atividades apóiam-se em dois fatores: a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem; e a propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma, de falar sobre a própria linguagem.

Isso torna possível organizar um trabalho didático de análise linguística, que é denominado pelos PCNs como “Análise e reflexão sobre a língua”. O objetivo principal é “melhorar a capacidade de compreensão e expressão dos alunos, em situações de comunicação tanto escrita como oral” (BRASIL, 1998, p.53).

Este projeto de docência está considerando os estudos de Geraldi (1997) no que tange a análise linguística, nos quais levam em conta que a criança já opera sobre a linguagem antes de vir para a escola: “ela opera sobre a linguagem, reflete sobre os meios de expressão usados em suas diferentes interações, em função dos interlocutores com que interage, em função de seus objetivos nesta ação, etc.” (GERALDI, 1997, p.189). Mas o que seria análise linguística? Para Geraldi análise linguística essa expressão se refere ao: “conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos” (GERALDI, 1997, p.189-190)

No entanto, o autor distingue no interior da expressão “análise linguística” atividades epilinguísticas de atividade metalinguísticas através do seguinte critério:

as primeiras refletem sobre a linguagem, e a direção desta reflexão tem por objetivo o uso destes recursos expressivos em função das atividades linguísticas em que está engajado. Assim, toda a reflexão sobre diferentes formas de dizer (...) são atividades epilinguísticas e, portanto, “análises linguísticas” tão importantes quanto outras mais pontuais como a reflexão que se pode fazer sobre elementos de ligação, do tipo “aí”, “então”, “depois” (...). Com este mesmo critério, considero as atividades metalinguísticas como uma reflexão analítica sobre os recursos expressivos, que levam à construção de noções com as quais se torna possível categorizar tais recursos. (GERALDI, 1997, p.190-191)

3.3.9 O ensino de literatura

No que tange a especificidade do texto literário, os PCNs afirmam que: É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável

de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário.

3.4 OBJETIVOS

Para nortear as ações a serem realizadas neste projeto, faz-se necessário delimitar os objetivos a serem alcançados. Desse modo, apresenta-se o objetivo geral, seguido pelos específicos que nos darão suporte no desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

3.4.1 Geral: Conhecer textos dos gêneros mitos e lendas indígenas, a fim de valorizar estas culturas e saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Tal objetivo se desdobra a partir dos eixos de trabalho leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

3.4.2 Específicos:

- Reconhecer as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas;
- Valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, bem como de seus saberes, identidades e culturas através do conhecimento e da desconstrução de visões estereotipadas e ações discriminatórias;
- Praticar a escuta de uma canção com temática afim;
- Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Exercitar a leitura e reconhecimento da estrutura da narrativa;
- Identificar os recursos coesivos presentes no conto trabalhado (análise linguística);
- Interpretar e compreender o conto utilizando estratégias guiadas pelo roteiro de leitura, a fim de focalizar aspectos que são alvos do ensino;
- Aplicar os recursos coesivos na produção textual de um conto;
- Planejar a escrita do enredo do conto;
- Produzir um conto utilizando elementos-personagens recorrentes em contos indígenas.
- Socializar a experiência de escrita dos alunos.

3.5 CONHECIMENTOS TRABALHADOS:

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Escuta de uma canção;
- Apresentação da cultura indígena guarani;
- Leitura, interpretação um mito indígena;
- Aspectos de análise linguística a partir do texto trabalhado (coesão textual).

3.6 METODOLOGIA:

A seguir a metodologia adotada nas aulas. As dez primeiras relativas as aulas da estagiária Kátia de Melo e as dez seguintes relativas as aulas da estagiária Bruna Maria de Souza.

3.6.1 Metodologia da Estagiária Kátia De Melo

Este projeto de docência busca uma ação que proporcione a ampliação do conhecimento prévio dos alunos por meio de momentos de interação, troca de ideias e experiências, cujo objetivo é torná-los pessoas mais participativas e atuantes na sociedade. Além disso, a metodologia constituiu em aulas expositivo-dialogadas, discussões, leituras coletivas e individuais, resolução de exercícios e avaliação escrita, divididas em motivação, apresentação, leitura, pós-leitura e escrita.

A cultura indígena e os gêneros textuais mitos e lendas indígenas norteiam a mediação desse projeto de docência. Num primeiro momento, teremos a escuta da canção “Minha força”, da *rapper* indígena Kaê Guajajara, com participação de Canário Negro e Nelson D. e a apresentação da cultura indígena, especialmente dados sobre quantos povos ou etnias indígenas viviam no Brasil e quantos vivem hoje, bem como informações sobre população indígena no nosso estado, Santa Catarina, dando ênfase ao povo Guarani porque os textos selecionados são de origem Guarani, além de falar sobre a importância da música e do canto para esse povo e um pouco dos seus costumes e tradições. Depois, faremos a leitura e interpretação dos mitos indígenas “A Cantiga do Universo” e o “Sopro de Tupã”, ambos textos retirados do livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, seguidas de questões de interpretação textual e análise linguística.

Faremos uma aula de revisão dos conteúdos trabalhados durante a análise linguística: estrutura do conto, marcadores sequenciais, coesão textual e planejamento do texto. Por fim, a produção escrita de um conto com elementos recorrentes nos mitos e lendas indígenas. O conto será produzido de forma que os alunos coloquem em prática os conhecimentos adquiridos durante as primeiras aulas. É esperado que, ao final da sequência, haja um momento de socialização da experiência de escrita em sala de aula e cada aluno receberá um exemplar de um livro que reunirá as produções escritas dos alunos.

3.6.2 Metodologia Bruna Maria de Souza

Este projeto de docência busca uma ação que proporcione a ampliação do conhecimento prévio dos alunos por meio de momentos de interação com troca de ideias e experiências, cujo objetivo é torná-los pessoas mais participativas e atuantes na sociedade, a partir do trabalho com o gênero lendas africanas, nos eixos leitura, oralidade, escrita e análise linguística. A metodologia prevê aulas expositivo-dialogadas, discussões, leituras coletivas e individuais, resolução de exercícios e avaliação escrita, divididas em motivação, apresentação, leitura, pós-leitura, escrita e reescrita.

Primeiramente, irei fazer uma breve introdução do que será realizado ao longo das dez aulas de regência. Após a introdução, iniciarei com a motivação 1, realizando a escuta da canção "Semba Africano (Muadiakime/Semba dos Ancestrais)" de Martinho da Vila e Alegria Ferreira; se houver o recurso de vídeo, passarei o clipe da canção, caso não seja possível a canção será apresentada na caixinha de som. Na primeira aula (09/07) os alunos irão ouvir a canção e ler a letra, a letra será entregue impressa aos alunos. Depois será realizada uma discussão oral acerca do que foi ouvido. Após a motivação, teremos a apresentação da proposta, fazendo novamente a mostra do livro (tendo em vista que a estagiária Kátia de Melo já terá apresentado em sua regência o livro que contém os textos a serem lidos). Realizarei uma dinâmica com os nomes de alguns dos países de África, na qual os alunos irão sortear um país e ele será apresentado no mapa com a sua paisagem e a língua, tendo como principal objetivo destacar os países que possuem a língua portuguesa como língua oficial. Na mesma aula, será realizada outra dinâmica com a mesma metodologia, que consiste na entrega de frases racistas aos alunos, a fim de destacar o que se pode ou não falar sobre os povos africanos, explicando as marcas da escravidão presentes ainda na sociedade atual, visto como preconceito estrutural.

Na segunda aula (09/07), faremos a atividade de leitura realizando a leitura do texto 1 “Mbumba e a dor de barriga” do livro “Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, de Regina Claro; os alunos receberão o texto impresso. No fim da segunda aula (09/07) ou no início da terceira aula (11/07), a depender do andamento das atividades, realizaremos a retomada do texto, através de uma discussão oral guiada pelo roteiro de leitura 1. Na quarta aula (11/07), será realizada a atividade de interpretação e análise linguística chamada de pós-leitura, em que os alunos irão receber as folhas impressas com seis questões que incluem a relação entre os mitos judaico-cristão, indígena e africano; os elementos culturais da canção usada como motivação 1; o elemento cômico trabalhado na lenda lida; os elementos criados pelo deus do texto; bem como questão com palavras que dão a ideia de sequência de tempo. Por fim, uma questão de coesão referencial, na qual serão trabalhados pronomes presentes no texto lido.

Depois de realizarem o roteiro de leitura respondendo às questões de análise linguística, na quinta aula (12/07), os alunos irão ser apresentados a uma nova motivação, chamada de motivação 2, que serão tirinhas sobre a criação do mundo do mundo, do artista Carlos Ruas, para contextualizar o tema da criação, que guiará a produção textual. Na outra aula, os alunos irão realizar a leitura do texto 2 “A Palavra Sagrada” (Bambara) do livro “Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, de Regina Claro e, posteriormente, será feita uma discussão oral acerca do que foi lido.

Na aula anterior, os alunos já tiveram o contato com uma motivação acerca da criação, desta forma na sexta aula (30/07) irei trazer explicações do gênero textual tirinha, apresentando os diferentes tipos de balões de fala e as principais características, a fim de contribuir nas construções das produções textuais que serão realizadas. Na mesma aula os alunos irão sortear três elementos da caixa para que sejam os elementos da sua criação, na qual devem estar presentes na escrita da proposta de produção textual. Na sétima aula (30/07) será entregue uma folha para que já consigam iniciar sua escrita, porém, tendo em vista que será pouco tempo para construção e finalização, a folha será recolhida e entregue na oitava aula (01/08), para que os alunos possam dar continuidade e finalizarem suas histórias em quadrinhos. As folhas serão recolhidas e será feita uma correção acerca da estrutura do texto, ortografia e balões de diálogos, com o intuito de auxiliar os alunos na reescrita do texto que será realizada na aula seguinte.

Após a escrita da produção textual e a correção realizada com os apontamentos necessários, na nona aula (01/08) a folha será devolvida aos alunos, a fim de que seja realizada a reescrita do texto. Como a proposta é de uma história em quadrinhos, os alunos

devem utilizar a linguagem mista (verbal e não verbal), destacando que devem colorir seus desenhos, para que suas histórias fiquem coloridas e divertidas, nesta aula deve ser realizada a finalização e a entrega das histórias em quadrinhos.

Na décima e última aula (02/08), finalizando o período de regência, será realizada a socialização com a turma. Os alunos devem apresentar os três elementos sorteados para a produção e contar aos colegas sobre a sua ideia de criação. Como produto final desta regência, será organizado um livro em que irá reunir todas as produções da turma, depois entregue a cada aluno e também para a professora Amanda.

3.7 CRONOGRAMA

AULA	DATA	CONTEÚDO
1	25/06	Motivação com a música “Minha Força”, apresentação do livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, bem como apresentação da cultura indígena e leitura do conto “A Cantiga do Universo”.
2	25/06	Roteiro de leitura oral e atividade de escrita a partir do roteiro de leitura 2 a ser entregue no fim da aula.
3	27/06	Motivação com dois memes de “Deus me criando”, continuação do roteiro de leitura 2, texto 2 para leitura silenciosa e depois leitura em voz alta.
4	27/06	Roteiro de leitura oral.
5	28/06	Explicação da produção textual, seguida pela retomada de conceitos importantes para a realização da produção: estrutura do conto, marcadores sequenciais e planejamento de texto.
6	02/07	Explicação da produção textual, sorteio dos elementos para realização da produção e início da escrita.
7	02/07	Escrita do conto e conforme os alunos forem terminando devem mostrar para a estagiária Kátia que dará breves <i>feedbacks</i> .

		Sobrando tempo, os alunos poderão começar o desenho da capa do livro.
8	04/07	Breve comentário sobre as produções e reescrita do conto a partir dos <i>feedbacks</i> da estagiária Kátia. Essa reescrita deve ser entregue.
9	04/07	Desenho da capa do livro.
10	05/07	Socialização das produções textuais e comentários sobre as últimas 10 aulas.

3.8 RECURSOS NECESSÁRIOS:

Datashow ou caixinha de som, quadro, canetão, caixa-mágica com os elementos a serem sorteados.

3.8.1 Recursos materiais:

Impressão dos seguintes materiais para todos os alunos da turma: letra da música “Minha Força”, leitura 1, roteiro de leitura 2, roteiro de leitura 2 - adaptado (2 cópias), leitura 2, produção textual, capa do livro e reescrita da produção textual.

3.8.2 Recursos bibliográficos:

CLARO, Regina. Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África. 2. ed. São Paulo: Joanelha Edições, 2018.

3.9 AVALIAÇÃO:

A avaliação levará em conta o processo de participação e finalizará com a produção textual.

4. RELATO DE REGÊNCIA

Nesta seção, apresento o relato da minha regência e um relato breve da regência da Bruna. Mas antes, é preciso dizer que por conta da greve, já mencionada anteriormente, foi necessário reduzir a carga horária de 10 para 7 aulas por acadêmico, de acordo com o disposto no Art.5º, §4º, da RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 61/2019/CGRAD:

Cada estagiário deverá ministrar, durante o semestre, no mínimo, setenta por cento dos créditos semanais da disciplina de estágio curricular supervisionado. Excepcionalmente, considerando as condições do campo de estágio, a carga horária mínima de regência de classe poderá chegar a cinquenta por cento dos créditos semanais da disciplina, mediante justificativa apresentada à chefia do Departamento de Metodologia de Ensino.

Justifica-se, portanto, a redução da carga mínima de regência da disciplina MEN7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, composta por 14 créditos.

4.1 REGÊNCIA DA ESTAGIÁRIA KÁTIA DE MELO

4.1.1 Aula 1 e Aula 2: 27 de junho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

O primeiro dia da regência coincidiu com o retorno às aulas após a greve dos professores. Esperávamos uma turma agitada e eufórica por conta do reencontro com os colegas e do retorno a rotina escolar, mas as nossas expectativas se mostraram equivocadas. Os alunos entraram na sala junto conosco, por ser a primeira aula. Estavam em sala a Professora Amanda e a Professora Priscila, que se sentaram ao fundo, o estagiário da sala, Artur, que ficou na lateral da sala, e a Bruna e eu ocupamos a mesa do professor. A Bruna perguntou se precisava de algo ou alguma ajuda e também se sentou ao fundo da sala para que eu iniciasse a aula. A Professora Amanda me entregou as folhas impressas que eu entregaria aos alunos: a letra da música, as leituras 1 e 2, bem como o roteiro de leitura 3. Nisso alguns alunos perguntaram se eu iria dar a aula, ao que eu respondi que sim e eles ficaram curiosos para saber o que faríamos. Então pedi para que todos se sentassem em seus respectivos lugares e esperei os alunos se acomodarem para iniciar a aula. Comecei perguntando se eles ainda lembravam de mim e da Bruna, visto que fazia algumas semanas que não nos víamos e eles lembravam até nossos nomes. Então eu expliquei que a partir desse dia eu daria 7 aulas para eles e depois a Bruna também daria 7 aulas e nós nos despediríamos deles. Então, eu pedi a colaboração dos alunos e eles se mostraram bem receptivos.

Sendo assim, comecei colocando a música “Minha Força”, da rapper indígena Kaê Guajajara, com participação de Canário Negro e Nelson D para tocar na caixinha de som que eu levei. Os alunos ouviram atentamente. Depois, com a ajuda da Bruna, entreguei a letra da música para eles e eu a li em voz alta. Após a leitura, iniciamos uma breve discussão a partir da tarefa de escuta. Após esse momento de motivação para a aula, fiz uma pequena introdução da cultura indígena, contando que se estima que no Brasil viviam mais de 12 milhões de indígenas, de mais de 1.600 povos ou etnias e mais de 1.400 línguas faladas e que hoje são 305 povos étnicos falando 274 línguas (BANIWA, 2012). Expliquei sobre a população indígena no nosso estado, Santa Catarina, e fiquei surpresa que eles sabiam quais eram os três povos que habitam nosso estado: Kaingang, Xokleng e Guarani. Falei um pouco sobre eles, mas dei ênfase no povo Guarani porque os textos selecionados são de origem Guarani, então falei da importância da música e do canto para esse povo e um pouco dos seus costumes e tradições. Em seguida, fizemos uma dinâmica: cada aluno recebeu um papelzinho com um nome de um povo indígena, mas eu não havia dito nada. Os alunos receberam e eu pedi para que um por vez lesse o que estava escrito, depois perguntei se eles sabiam o que eram esses nomes e eles acertaram dizendo que eram povos indígenas. Expliquei que a dinâmica servia para eles terem noção da quantidade de povos indígenas que existem no nosso país e para eles conhecerem alguns nomes. Posteriormente, apresentei o Livro “Encontro de Histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, de Regina Claro. Expliquei que leríamos dois textos indígenas desse livro nas minhas aulas e dois textos africanos do mesmo livro nas aulas da Bruna. Expliquei que nossas aulas seriam sobre o tema mitos e lendas indígenas e africanos e entreguei a folha com a leitura 1: “A Cantiga do Universo”. Eu fiz a leitura em voz alta e perguntei se era necessário ler novamente, os alunos disseram que não precisava. Então eu iniciei o roteiro de leitura 1 oral e percebi que os alunos conseguiram acompanhar bem a leitura. Eles acertaram todas as perguntas e fizeram ótimas reflexões. Eu destaquei os marcadores sequenciais que havia no texto e expliquei que se tratava de um recurso que colabora para a evolução do texto apontando a passagem do tempo e eles conseguiram identifica-los prontamente. Por último, entreguei o roteiro de leitura 2 e expliquei que essa atividade era avaliativa, ou seja, eu iria avaliar se eles haviam entendido tudo o que foi visto nessa primeira aula. Até porque, no final da regência, eles teriam que produzir um conto de origem, assim como esse que havíamos lido e valeria nota para o trimestre em questão. Também expliquei que eles precisavam entregar o roteiro respondido no fim da aula. Sendo assim, eles pediram para fazer em duplas e eu deixei, porque eles estavam

muito comportados e tínhamos bastante tempo de aula para a realização da atividade. No entanto, expliquei que cada aluno iria responder na sua própria folha. Ou seja, eles podiam se ajudar, mas cada um teria que fazer o seu. Os alunos ficaram bem contentes por ser em dupla a atividade, fizeram um pouco de agito para organizar as carteiras, mas logo iniciaram a atividade. A Bruna e eu circulamos pela sala ajudando os alunos e percebemos que alguns alunos ficaram com dúvidas em relação a algumas questões, de modo que eu ia à frente da sala e pedia a atenção dos alunos para explicar novamente alguma informação que não tenha ficado esclarecida.

No final da segunda aula, pedi para os alunos entregarem a atividade e arrumarem as carteiras nos seus devidos lugares. Poucos alunos não conseguiram terminar uma ou duas questões, mas eram alunos que ficaram conversando mesmo quando eu ia até a carteira deles para lembrá-los que eles tinham uma tarefa a fazer. Mas, de modo geral, apesar do meu nervosismo foi uma aula bem produtiva e tranquila. Fiquei bem feliz que consegui cumprir com o planejado.

4.1.2 Aula 3 e Aula 4: 02 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

No segundo dia de regência, vale observar, que os alunos tiveram aula de educação física no primeiro período, seguida da aula de inglês que se deu em outra sala. Nós chegamos antes dos alunos e esperamos eles se acomodarem em seus lugares. Eles estavam mais agitados do que o primeiro dia. Dessa vez eu tive que pedir algumas vezes para que eles prestassem atenção porque eu iria entregar a atividade roteiro de leitura 2 corrigida para eles e eu queria fazer alguns comentários. Demorou um pouco até que eu realmente começasse a aula. Então, eu comecei dizendo que de modo geral os alunos haviam acertado as questões, mas que eu precisava retomar algumas questões que talvez não tenham ficado claras. Sendo assim, eu entreguei as atividades, junto com o gabarito e comecei a explicar porque eu considerei algumas respostas incompletas. Percebi que alguns alunos não estavam interessados na aula. Depois disso, a Bruna me ajudou a entregar as folhas da aula anterior aos alunos que haviam faltado. Entreguei o roteiro de leitura 2 adaptado para a aluna autista que havia faltado na aula anterior e conversei com ela, perguntei se ela lembrava de mim, falei meu nome novamente, expliquei que eu estava dando aula para eles naquela semana e eu disse o que havíamos feito na aula passada. A aluna foi bem receptiva e perguntou se estava fácil a atividade. Eu disse que sim, e o que o texto também era bem curtinho. A professora da Educação Especial, que

estava presente na sala nesse dia, acompanhou a aluna até outra sala para que ela fizesse a atividade em um ambiente mais silencioso e elas retornaram à sala na segunda parte da aula.

Em seguida, eu disse aos alunos que faríamos a leitura do texto “O sopro de Tupã”. No planejamento, essa leitura seria em um primeiro momento silenciosa e depois em voz alta, mas como os alunos estavam agitados eu mudei a estratégia e pedi para cada aluno ler até o ponto. Essa era uma estratégia que a Professora Amanda utilizava. Deu certo, a sala foi ficando silenciosa. No entanto, os alunos reclamaram que não deu para entender o texto e eu disse que leríamos mais uma vez. Então, eu perguntei se algum aluno gostaria de fazer a leitura do texto todo e duas meninas levantaram a mão, portanto, eu orientei que uma lesse até a metade do texto e a outra lesse a segunda parte. Após a leitura, iniciamos o roteiro de leitura 3 oral, no qual os alunos participaram fazendo bons comentários sobre o texto.

A segunda parte da aula tinha como objetivo retomar os conteúdos trabalhados até então pra que os alunos conseguissem, na aula seguinte, realizar a produção textual. Sendo assim, iniciei explicando que os alunos teriam que produzir um conto de origem, assim como os textos lidos nas aulas anteriores. Eles começaram a questionar se eram muitas linhas e eu os tranquilizei dizendo que eles deveriam escrever contos curtos de 10 a 20 linhas. Mais calmos, consegui pedir para que eles pegassem a folha que a professora Amanda havia entregado para eles no dia 25 de abril com uma explicação sobre a estrutura do conto. Os alunos não sabiam onde estava, diziam que tinham perdido e então eu tive uma ideia para motivá-los a procurar pela folha: eu disse que quem estivesse com a folha em mãos naquele dia, ganharia um ponto na produção textual. 12 alunos, dos 22 alunos presentes, encontraram a folha rapidamente. Eu anotei na minha folha de chamada os nomes dos alunos que tinham a folha, e para os demais alunos, foi entregue uma cópia na aula seguinte. Junto a esta folha, eu entreguei outra com o passo a passo para escrever o conto, trata-se de um planejamento do texto para auxiliá-los na atividade escrita. Nessa mesma folha também tem uma seção sobre os marcadores sequenciais. Eu retomei os conteúdos das folhas utilizando o quadro. Fui perguntando aos alunos qual era a estrutura do conto e anotando na ordem que eles citaram. Depois, numeramos a ordem correta da estrutura e perguntei se eles poderiam me explicar o que significava cada parte. Conforme eles explicavam eu complementava a informação. Em seguida, procedendo da mesma forma, eu perguntei se eles lembravam dos elementos da narrativa e eles foram citando um a um, eu anotei no quadro, os alunos explicavam cada um dos elementos e eu

complementei. Por fim, eu os lembrei que eles precisavam usar pelo menos 3 marcadores sequenciais na produção textual, e eu pedi para que citassem possíveis marcadores para a situação inicial, desenvolvimento e situação final. Feito isso, fiz um rápido resumo de tudo novamente e perguntei se eles tinham dúvidas. As dúvidas eram sobre a produção textual, então eu li o enunciado da folha da atividade escrita e expliquei o que deveria ser feito. Depois, nós lemos o passo a passo do planejamento do texto e eu disse que eles poderiam já ir pensando no que escrever para na aula seguinte já terem uma ideia a respeito. Como sobrou uns minutinhos de aula, eu iniciei os sorteios dos 3 elementos que eles utilizariam na escrita do texto. Eles estavam bem animados com o sorteio e queriam sortear todos ao mesmo tempo. 14 alunos sortearam os seus elementos, eu anotei no meu caderno e encerramos a aula. Os demais alunos sortearão seus elementos na próxima aula.

4.1.3 Aula 5 e Aula 6: 04 de julho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

Nesse dia, os alunos entraram na sala já me lembrando que eles tinham que sortear os elementos. Alguns alunos queriam sortear de novo seus elementos, mas para a surpresa deles eu levei digitado em uma folha o nome do aluno e os elementos sorteados. A Bruna entregou essa folha para os respectivos alunos e sorteou os elementos com os demais. Enquanto isso, eu entreguei os materiais da aula passada para os alunos que haviam faltado. Entregamos as folhas para a produção textual e eu li a proposta da produção textual com eles, lembrando-os que o texto precisa ter de 10 a 20 linhas, ser um conto com estrutura de conto, sobre a origem do planeta recém-descoberto chamado M'bya e precisa conter 3 marcadores sequenciais e os 3 elementos sorteados. Também os lembrei que eles poderiam usar as folhas de revisão e que eles precisariam me entregar a produção até o fim da aula, pois na aula seguinte eles fariam a reescrita a partir dos meus comentários e apontamentos sobre o texto. Alguns alunos me mostraram o planejamento do texto antes de escreverem e eu percebi que foi mais fácil para esses alunos escreverem o conto. Outros reclamaram que não sabiam o que escrever e que queriam sortear outros elementos. Eu disse que sorteio é sorteio, e que se fosse para eles escolherem não se chamaria sorteio. Eu disse que eles precisavam usar a criatividade e que se planejassem o texto antes de escrever seria mais fácil. Para a aluna autista, eu entreguei uma folha com um conto cheio de lacunas a serem preenchidas. A aluna não consegue escrever textos, mas conseguiu fazer um ótimo trabalho completando o conto com os elementos sorteados, com marcadores e se incluindo na narrativa. A professora da Educação Especial a ajudou

na realização da atividade em uma outra sala mais silenciosa. A aluna ficou bem contente que sorteou o lobo, um animal que ela gosta bastante e disse ter gostado de fazer a atividade.

Essa aula foi bem produtiva, mas agitada também. Talvez eu precisasse ter sido mais firme com eles, porque o agito no início da aula atrapalhou a concentração de alguns alunos. Com o andamento da aula, eu consegui circular um pouco pela sala, mas de modo geral eu fiquei mais à mesa do professor olhando os textos conforme os alunos vinham me mostrar. Foi aí que alguns alunos pediram para aumentar a quantidade de linhas limite. Então eu aceitei. Até 30 linhas. Também os lembrei de escrever na folha da produção textual o nome deles, os elementos sorteados e o título do conto. Nisso, uma aluna me entregou a produção textual pronta, eu a li e corrigi, pouquíssimos ajustes a se fazer, e entreguei a folha de reescrita para ela. Até o fim da aula ela me entregou a reescrita pronta. Por outro lado, a aula estava chegando ao fim, e dois ou três alunos tinham escrito apenas a situação inicial do texto. Eu lembrei novamente que o texto era para ser entregue naquela aula, que não podia levar para a casa e que seria a terceira nota deles naquele trimestre.

Faltando poucos minutos para a aula acabar eu pedi para entregarem os textos. Três alunas estavam com problemas familiares e também preocupadas com as notas baixas, elas estavam até chorando durante a aula. A professora Amanda estava conversando com elas e as tranquilizando. Elas vieram falar comigo e eu disse para elas tentarem escrever em casa para entregar os contos na próxima aula, que seria no dia seguinte, para eu corrigir e elas poderem reescrever. Se elas trouxessem qualquer coisa eu conseguiria ajuda-las a terminar a escrita. Elas aceitaram, eu recolhi os textos dos demais alunos e encerrei a aula.

4.1.4 Aula 7: 05 de julho, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

Último dia do meu protagonismo durante a regência, sexta-feira, uma aula de 40 minutos e muito a se fazer. Eu precisei entregar os textos corrigidos e comentados, precisava lembrar de algumas informações que os alunos esqueceram, como por exemplo de colocar o título, de usar os 3 elementos sorteados, ou que o nome do planeta tinha que ser M'bya, não podia ser outro. Também haviam faltado dois alunos na aula anterior, um deles veio nessa aula, ou seja, um tinha 40 minutos para escrever o conto e outro ficaria sem nota. A Bruna passou para o aluno que havia faltado o que precisava ser feito,

enquanto eu entreguei os contos, fiz os comentários gerais e dei os avisos. Depois, a professora Amanda perguntou se eu ia deixar os alunos levarem a reescrita para casa. O problema era que eu não teria mais aula com eles. Aí decidimos que como a nota valeria para o trimestre, e que havia sido um trimestre em meio a greve, no fim da aula, eu deixaria os alunos que não terminaram me entregar sem falta na próxima aula. Até porque nesse dia faltaram 3 alunos que já teriam que me entregar os textos na semana seguinte.

A aula se deu de maneira mais tranquila depois, então consegui circular para ver o andamento da reescrita. Fui falar com as meninas que eu havia deixado levar a produção textual para casa, só uma delas tinha feito. Eu li e a orientei sobre o que ela poderia melhorar e ela começou a reescrita. As outras duas meninas ficaram conversando e não fizeram.

Quando a aula estava acabando, eu avisei os alunos que quem tinha terminado poderia me entregar e receberia a nota na terça-feira (próxima aula), quem não conseguiu terminar poderia levar para casa e me trazer sem falta na aula seguinte. Mas só receberia a nota na outra aula. Alguns alunos ficaram chateados, porque eu podia deixar todos levarem para casa. Então eu expliquei que eu não podia fazer isso porque eu precisava corrigir e entregar as notas para a Professora Amanda colocar no sistema. Se eu deixasse eles levarem para casa e eles esquecerem ou faltarem na semana seguinte eles iriam ficar sem nota. Além disso, os textos que eu havia feito os comentários já estavam bons, a reescrita só aumentaria a nota. O problema eram os textos de quem nem tinha feito ainda. Eu também expliquei que esse seria meu último dia como estagiária-professora e eu agradei pela parceria e entreguei um pacotinho de bala com um recadinho para eles. Eles ficaram bem contentes, alguns me abraçaram e tiramos fotos. Eu sentirei bastante saudade dessa turminha querida.

4.2 REGÊNCIA DA ESTAGIÁRIA BRUNA MARIA DE SOUZA

4.2.1 Aula 1 e Aula 2: 09 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

A primeira aula da Bruna foi no laboratório de linguagens. Mas antes de irmos ao laboratório, eu precisei entregar as notas das reescritas dos textos e recolher os textos dos alunos que haviam levado para terminar em casa, ocupando um pouco do início da aula dela. Em seguida, fomos ao laboratório, mas alguns alunos estavam demorando para sair da sala. A Bruna, as professoras e eu tivemos que chamar os meninos várias vezes.

As aulas no laboratório são sempre muito divertidas, mas agitadas também. A Bruna primeiro se apresentou e depois passou o vídeo da canção "Semba Africano (Muadiakime/Semba dos Ancestrais)" de Martinho da Vila e Alegria Ferreira. Após a música, ela iniciou uma pequena discussão e os alunos foram bem participativos. Depois, a Bruna reapresentou o livro "Encontro de Histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África", de Regina Claro e disse que as duas leituras que eles fariam foram tiradas desse livro. Ela realizou duas dinâmicas: a primeira com os nomes de alguns dos países da África e as respectivas línguas oficiais, na qual os alunos sortearam um papelzinho e a Bruna ia o apresentando no mapa. A outra dinâmica consistiu na entrega de frases racistas aos alunos, a fim de destacar o que se pode ou não falar sobre os povos africanos, explicando as marcas da escravidão presentes ainda na sociedade atual, visto como preconceito estrutural. Foram dinâmicas que os alunos gostaram bastante.

Em um segundo momento, a Bruna e eu entregamos os textos impressos aos alunos com a leitura 1: "Mbumba e a dor de barriga". A Bruna fez a leitura do texto e depois iniciou a discussão oral guiada pelo roteiro de leitura 1. Terminada a discussão, os alunos foram liberados.

4.2.2 Aula 3 e Aula 4: 11 de julho, quinta-feira, das 13h30min às 14h50min

A segunda aula da Bruna se deu em sala. Nessa aula eu também precisei recolher textos e entregar as notas dos alunos que haviam entregue o texto na terça-feira, mas combinamos que eu faria isso nos últimos cinco minutos de aula para não agitar os alunos. Então, perguntei se a Bruna precisava de ajuda e me sentei ao fundo da sala. A Bruna iniciou a aula relendo o texto da aula anterior para que depois os alunos respondessem a atividade de pós-leitura. Eu a ajudei a entregar a atividade e ela leu questão por questão com os alunos explicando-as. Os alunos realizaram a atividade em duplas. A Bruna e eu circulamos ajudando os alunos, e conforme a Bruna ia sentindo que precisava esclarecer algo ela chamava a atenção da turma e explicava a questão novamente. Os alunos entregaram a atividade conforme foram terminando.

Em um segundo momento, a Bruna e eu entregamos uma folha com duas tirinhas de Carlos Ruas aos alunos. Logo após a entrega, a Bruna as apresentou e iniciou o roteiro oral dessas tirinhas. Os alunos foram muito bem e mostraram ter bastante conhecimento e domínio sobre o gênero. Posteriormente, a Bruna fez leitura do texto 2 "A Palavra

Sagrada” e depois iniciou uma discussão sobre a leitura. A Bruna, então, encerrou a aula e eu entreguei as notas dos alunos e recebi mais alguns textos.

4.2.3 Aula 5: 12 de julho, sexta-feira, das 15h30min às 16h10min

A terceira aula da Bruna aconteceu no último dia de aula antes das férias, numa sexta-feira, em uma aula de 40 min. Ela precisava explicar o gênero tirinha, apresentando os diferentes tipos de balões de fala e as principais características, a fim de contribuir nas construções das produções textuais que seriam realizadas na próxima aula após as férias. Apesar dos alunos estarem empolgados com as férias, a Bruna conseguiu realizar tudo o que foi planejado. Nos últimos minutos de aula, a Bruna entregou uma lembrancinha para cada aluno e ela tirou fotos com eles. Os alunos ficaram muito felizes com a lembrancinha.

4.2.4 Aula 6 e Aula 7: 30 de julho, terça-feira, das 14h50min às 16h10min

A última aula da Bruna foi após as férias, logo ela precisou retomar os conteúdos sobre as características do gênero tirinha. Depois, eu fui passando com a caixa mágica de mesa em mesa para os alunos sortearem os elementos a serem usados na produção, enquanto a Bruna explicava a atividade e tirava as dúvidas dos alunos. A aula se deu de maneira silenciosa e os alunos fizeram produções lindas. O único ponto negativo, foi ter apenas 7 aulas para realizar o planejamento, de modo que os alunos tiveram apenas essas 2 aulas para realizar a atividade. Como tinha a folha da escrita e a folha da reescrita, alguns alunos só fizeram a produção bem feita, alguns fizeram direto na folha de reescrita e outros fizeram na folha da produção um esboço do que seria feito na folha de reescrita posteriormente. Os alunos faltantes nesse dia, serão avaliados de outra maneira pela professora Amanda, visto que esse foi o nosso último dia no Colégio de Aplicação. A Bruna encerrou a aula distribuindo lembrancinhas aos alunos e eu entreguei para cada aluno um exemplar do livro que reuniu os contos produzidos por eles. Nós nos abraçamos, tiramos fotos e agradecemos pela colaboração de todos. Depois da aula agradecemos a professora Amanda também pela acolhida e por todos os ensinamentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é um momento oportuno para empregar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. E o período de observação é essencial para conhecermos o ambiente que tanto falamos nas disciplinas da licenciatura: a sala de aula. Ambiente este que é diverso e possui suas próprias especificidades a depender da escola, da turma e do(a) professor(a). Além disso, para se fazer um bom projeto de docência é necessário conhecer a escola, a turma, o que o(a) professor(a) supervisor(a) trabalhou com os alunos antes da regência e também os objetivos que pretende alcançar até o fim do trimestre, ou do ano. Trata-se de um período em que o futuro professor tem a oportunidade de analisar-se e renovar-se quanto às suas metodologias e didáticas ao testá-las, ao observá-las em campo. Dessa forma, pode compreender que transformações e melhorias deverão ser feitas durante sua carreira profissional. Afinal, cada turma comporta alunos com realidades de vida diferentes, assim como cada escola possui determinadas condições de funcionamento.

Penso que, no geral, os objetivos centrais que eu havia proposto foram alcançados. Algumas mudanças foram necessárias, visto os imprevistos que aconteceram durante esses cinco meses, como a greve dos TAEs, o consequente sistema de rodizio das aulas, depois a greve dos professores da UFSC e a redução da quantidade de aulas, de 10 h/aula para 7 h/aula. Talvez eu poderia ter feito algo diferente, mas não o fiz por falta de experiência. Em verdade, aprendi muito durante esse semestre. Aprendi ao elaborar o projeto, ao praticá-lo e no contato com as professoras Priscila e Amanda e com os alunos do 6º ano B. Fomos recebidas calorosamente por todos, fato que nos deixa certa saudade e o desejo que continuem suas trajetórias buscando ao máximo seus sonhos e objetivos.

Trabalhar a partir dos mitos e lendas indígenas, por sua vez, serviu para valorizar estas culturas e saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. O livro *Coletânea de contos sobre o planeta M'bya* é o resultado deste processo e deve ser lido enquanto tal: produções de alunos do 6º ano, que conhecendo lendas e mitos sobre a criação do universo e do homem, criaram a própria história sobre a criação de um planeta. Aliás, os contos ficaram ótimos. Eu, com toda a dedicação, fiz o melhor que eu podia, nas condições que eu tinha. E com certeza, farei mais e melhor a partir dessa experiência de estágio.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Projeto Político-Pedagógico. Florianópolis, CA/CED/UFSC, 2012.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53].

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRITTO, L. P. L. LEITURA: ACEPÇÕES, SENTIDOS E VALOR. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 21, n. 22, p. 18–31, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1619>. Acesso em: 22 abr. 2024.

BRITTO, L. P. L. Contra o consenso. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Projeto Político-Pedagógico. Florianópolis, CA/CED/UFSC, 2012.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 149-214.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Saberes da floresta. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.


KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2006.

SOUZA, ANA CLÁUDIA; SEIMETZ-RODRIGUES, C. ; WEIRICH, H. C. . Ensinar a estudar ensinando a ler: potências dos roteiros de leitura. In: Ana Cláudia de Souza, Cristiane Seimetz Rodrigues, Claudia Finger-Kratochvil, Luciane Baretta; Angela Cristina Di Palma Back. (Org.). Diálogos linguísticos para a leitura e a escrita. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2019, v. 1, p. 164-200.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São José do Rio Preto: Objetos Educacionais do Acervo Digital da Unesp, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em 26 maio de 2024.

ANEXOS

Anexo 1 – Cópia do questionário aos alunos


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS ALUNOS DA TURMA 6º ANO B

ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIAS: Bruna Maria de Souza e Kátia de Melo

1- Qual seu nome? E sua idade?
[REDACTED]

2- Em qual bairro você reside?
No Bairro Cavalito.

3- Você tem acesso à *internet*?
 sim () não

Se sim, marque a(s) opção(ões) abaixo que você utiliza para acessá-la:
 celular tablet computador TV

4- Você tem acesso à rede social?
 sim () não

Se sim, qual/quais?
O youtube, instagram.

5- Como é a sua rotina?

Eu acordo me arrumo, tomo café da manhã, faço tarefas, assiste TV, almoço, escovo os dentes, vou para a escola, quando volto para casa desço do meu prédio para brincar com minhas amigas, janto, escovo os dentes e vou dormir.

6- O que você mais gosta de fazer em casa?

Gosto de cozinhar ou assar bolos etc.

7- Com que frequência você costuma ir à biblioteca? O que prefere ler?

Não vou muito frequentemente gosto de livros sobre histórias de ficção.

8- Quantos livros você costuma ler num ano?

Por volta de 10 livros.

9- No momento, você está lendo algum livro? Se sim, qual?

Sim, Alice no País das Maravilhas.

10- Você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? Por quê?

Gosto mais ou menos, tem partes que acho legais e outras não tanto.

11- Durante as aulas de Língua Portuguesa, qual atividade você gosta mais? E qual atividade você gosta menos? Cite uma atividade que tenha realmente gostado.

Nesta escola ainda não tenho, mas na minha antiga gostava quando fazíamos dia de leitura e não gostava muito de apresentar textos.

12- Você tem alguma dificuldade nas aulas de Língua Portuguesa?

sim não

Se sim, qual?

13- O que você acha das aulas de Literatura?

Nunca tive aulas de literatura mas no meu antigo colégio nas aulas de português lemos livros, mas qual eu achei legal e interessante.

14- O que você acha da aula de laboratório? Qual ou quais laboratório(s) você conhece?

São os meus primeiros dias aqui no entanto acho que essa pergunta não se aplica no meu caso

15- Você gosta de assistir a filmes? Mencione ao menos um favorito.

Sim, pequenas mulheres, Soul.

16- Você gosta de atividades envolvendo jogos?

sim não

17- Você gosta de escrever?

sim não

18- Com que frequência você escreve? O que você gosta de escrever?

Frequentemente, gosto de escrever crônicas.

19- Você ouve músicas com frequências? Cite 3 músicas ou artistas que você curte.

Sim, Taylor Swift, Billie Eilish e Sia.

Anexo 2 – Questionário à professora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

ESCOLA: Colégio de Aplicação UFSC

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo

ESTAGIÁRIAS: Bruna Maria de Souza e Kátia de Melo

QUESTIONÁRIO À PROFESSORA

1. Qual é a sua formação acadêmica?

Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa com a respectiva Literatura e especialização em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação.

2. Por que você escolheu a licenciatura?

A licenciatura não foi a minha primeira escolha. Estudei e tentei vestibular para medicina durante três anos, mas não tive suporte para continuar e minhas opções de estudos também eram muito limitadas. Com isso, comecei estudar Comércio Exterior e fiz os dois primeiros semestres, trabalhei na área com seguro internacional marítimo até perceber que não me adaptava ao escritório. Nesse momento, parei para buscar os meus talentos e encontrar o que havia em comum em cada uma dessas escolhas. Então, descobri que meu interesse, independente da área, era o conhecimento. Com isso, cheguei às licenciaturas e optei pela Língua Portuguesa essencialmente por ser leitora.

3. Há quanto tempo atua no magistério? Em quais redes de ensino já atuou?

Minha formatura aconteceu em abril de 2019, e antes que pudesse prestar concurso chegou a pandemia. Iniciei com o PIBID em 2015, foram 3 escolas diferentes e o trabalho baseava-se na literatura escrita por mulheres negras com turmas de oitavo ano. Em junho de 2017 comecei a lecionar em um curso de preparação profissional oferecido por uma ONG, em conjunto com a extensão da Universidade do Vale do Itajaí, no qual permaneci até 2021. Em 2018 lecionei no município de Itajaí com uma turma de sexto ano por um semestre e em 2023 iniciei no Colégio de Aplicação como substituta.

4. Há quanto tempo você atua no Colégio de Aplicação? Você gosta de trabalhar nesta instituição? Mencione algumas razões para a sua resposta.

Atuo no colégio há 1 ano e três meses. Considero minha passagem no Aplicação como uma fonte de aprendizado muito interessante. Todo o trabalho extraclasse de cunho “burocrático” é bastante novo para mim, diferentemente dos estudantes da UFSC, os quais já estão acostumados com a integração e exigências de uma instituição federal, o próprio Sou Gov, muitas vezes, torna-se um enigma! Gosto bastante da autonomia que o colégio oferece aos professores acerca dos métodos de ensino, prevê-se o currículo para aquele ano e há liberdade para organizá-lo e praticá-lo dentro do período letivo conforme as demandas da classe, tornando o processo mais vivo e com verdadeiro resultado.

5. Qual é a sua carga horária de trabalho semanal? Como você distribui essa carga horária entre suas atividades (sala de aula, projetos, reuniões, planejamento, correções etc.)?

São 40h. Como professora substituta, a carga horária de atuação é de até 24h/semana. Atualmente, atuo com 3 turmas de sexto ano e 1 turma de oitavo ano, somando 20h/aula e mais 2h/aula de Recuperação de Estudos no contraturno de cada ano e 1h disponível para atendimento aos pais. As reuniões são estabelecidas no início do ano, sendo: reuniões quinzenais nas segundas-feiras pela manhã para o sexto ano, reuniões quinzenais/mensais nas terças-feiras à tarde para o oitavo ano e um encontro mensal na quarta-feira à tarde para a reunião de disciplina. Com essa agenda fixa, o período no qual não estou em sala serve, muitas vezes, para contribuir com substituições de colegas, como por exemplo as turmas de 3ºano do Ensino Médio que aguardam a professora efetiva e neste caso, estou cobrindo as aulas de leitura com a turma do 3º Ano A, também preparo materiais,

impressões, faço correções, respondo e-mails, faço a seleção das leituras e também anotações necessárias a respeito do desenvolvimento de algum estudante que eu perceba ser necessário uma intervenção seja disciplinar ou pedagógica. Enfim, ainda é comum que o trabalho exceda o tempo destinado pela escola, são muitos os finais de semana dedicados a atividades que ficaram pendentes para a semana.

- 6.** Você busca se atualizar para o exercício da profissão? Se sim, de que modo? A instituição propicia meios para que isso aconteça? Qual(is)?

A graduação não fornece referencial para lecionar português, a concentração do percurso do licenciado é sobretudo metodológica. Com isso, adquiri diversos cursos na área da gramática para poder transformá-la em conteúdo passível de ser ensinado e aprendido, busco também as trilhas no site Nova Escola, que estão sempre atualizadas e trazem temas interessantes para a vida cotidiana escolar como: mediação de leitura, BNCC, mediação de conflitos, trilhas pedagógicas etc. Fiz também o curso de Revisão na UFSC recentemente e li muito acerca da pré-adolescência e adolescência, pois percebo ser imprescindível compreender as etapas do desenvolvimento pertinentes aos estudantes que passam por mim, e vejo o quanto isso é ignorado pelas escolas e faz total diferença no percurso educativo.

- 7.** Como você descreve sua relação com os alunos? Quais aspectos positivos e dificuldades você destacaria nesta relação?

Sou uma pessoa que busca o laço emocional com meus estudantes, antes do conteúdo vem o relacionamento e este, é capaz de gerar abertura e interesse para a aprendizagem. No entanto, nem todos podem ser acessados desta maneira, é preciso ser mais impositiva e guiá-los para o aprendizado, ser repetitiva, insistir e mostrar que não irei desistir dele/dela, mesmo quando não querem nem o estudo, nem a ajuda. Cada dia é um dia diferente, se na aula anterior um estava mais silencioso e empático, no dia seguinte pode estar enérgico sem conseguir ficar no lugar, essas instabilidades do coletivo são o desafio, mas também a vitalidade de uma sala de aula. Vejo tudo como parte, nada como fardo.

- 8.** Quais pontos você considera dificultosos na docência de turmas numerosas como as dessa instituição? E quais aspectos você considera positivos?

Na mesma turma há estudantes com suporte familiar e emocional, recursos para estudo como um material completo, tecnologia e acesso à cultura, como também o estudante com divisões familiares, disputas judiciais em casa, falta de alimento, escassez econômica, situação de risco e más condições de desenvolvimento próprios de um adolescente. Uma criança que não dorme bem, que não é bem nutrida e que não tem a segurança daqueles que deveriam protegê-lo, é uma criança que não se interessa pela escola, que é “bagunceira” em sala e que tira notas abaixo do rendimento escolar mínimo. Minha maior dificuldade é lidar com o que eu recebo em sala diante dessas realidades e saber que não posso mudar as consequências daquilo que é gerado fora da escola, é mediar essas diferenças sabendo que para alguns, o conteúdo está abaixo do que podem se desenvolver e para outros, será um esforço alcançá-lo.

- 9.** Você percebe incentivos da instituição para que os estudantes do Curso Técnico Integrado continuem os estudos no nível superior?

Não se aplica.

- 10.** Você possui algum método para tornar seus alunos leitores? Se sim, qual (is)?

Propiciar que uma criança seja leitora precede o fato de que ela saiba ler, e a nossa realidade está aquém da fruição literária, não como escola, mas como nação educadora. Apontar leituras programadas para o ano letivo não é formar leitores, é possibilitar o acesso aos livros e gerar uma tentativa de mediação para o interesse dessa prática. Se nós como adultos e autônomos, tomados de senso crítico, precisamos de acesso, tempo, ambiente e referência para leitura, imaginemos como é para essas crianças atingirem as habilidades de compreensão do que lê. Atualmente, dentro dos três sextos anos (que somam cerca de 75 estudantes) conheço menos de dez estudantes que apreciam a leitura e/ou são incentivados pelos pais, que trazem exemplares de bibliotecas públicas ou os compram.

- 11.** Você utiliza os eixos da análise linguística, leitura, oralidade e produção textual em suas aulas? De que maneira você o faz?

Sim, para cada conteúdo programado os alunos estudam e interagem por meio dos três eixos, seja leitura em voz alta (observando a pontuação, entonação, ritmo) ou apresentação para os colegas, anotação/tomar notas/reescrita com o objetivo de estudo ou

produção escrita/visual do gênero estudado, resolução de exercícios, inferências do texto, mediação de leitura para compreensão e/ou conhecimento do gênero/autores.

12. Em quais projetos, da área de língua portuguesa, você está envolvida na escola e/ou fora dela?

Não estou envolvida em projetos na escola ou fora dela.

13. Qual é a sua concepção pedagógica? Como você a contempla em suas aulas?

Diria que me aproximo mais da visão interacionista, gosto bastante do referencial de Bakhtin, Jakobson, Saussure, Howard Gardner, o pragmatismo a respeito da leitura que Mortimer Adler apresenta, o estudo da gramática por Maria Tereza de Queiroz **Piacentini e Evanildo Bechara**, e também algumas concepções dos ensaios de Michel de Montaigne, costumo não me ater aos autores no dia a dia, mas estes fizeram parte da base da minha formação, além da filosofia da linguagem e a psicologia. Busco uma abordagem humanista, mas não me colocaria próxima à progressista. Dito isso, procuro criar oportunidades de para que os alunos interajam com diferentes gêneros textuais, contextos comunicativos e práticas discursivas por meio de atividades que promovem a comunicação oral e escrita, formulação de respostas em grupo, leitura compartilhada e produção textual, para que os estudantes possam desenvolver suas habilidades linguísticas e comunicativas de forma significativa. A ênfase é dada não apenas à transmissão de conhecimento, mas também à construção conjunta do saber, pois os estudantes precisam de referência e para isso não precisam ser tolhidos.

14. Qual é a metodologia que você costuma usar em suas aulas? E como você costuma planejá-las (semestralmente, mensalmente, semanalmente...)?

O planejamento ocorre semanalmente dentro do tema previamente instituído para o trimestre, com isso, o método é pensado de acordo com os objetivos estabelecidos para o conjunto das cinco aulas da semana. Para atingir tais objetivos, os métodos acabam variando de aulas expositivas, abordagem comunicativa, aprendizagem cooperativa, ensino explícito de estratégias de leitura e escrita e métodos práticos de resolução de exercícios. Particularmente, gosto bastante da Aprendizagem baseada em projetos, método que utilizava em outra instituição e que foi parte do estudo da minha especialização, no entanto ainda não consegui adequar à realidade dos estudantes, devido

às condições prévias de conhecimento da língua e autonomia. Para o próximo trimestre, pretendo incluir atividades de gamificação (Quiz da Ortografia e Caça ao Tesouro) e Aprendizagem Baseada em Tarefas, que foram métodos mais eficazes para mediação no sexto ano após a adaptação do início do ano letivo.

15. Qual é a sua concepção de avaliação? Como você a aplica em suas aulas? Com que frequência você realiza atividades avaliativas?

Penso que a avaliação não é somente um instrumento científico e factual, mas também abarca elementos humanos e inclui o avaliador no processo. No dia a dia, busco estar na sala atenta a todos os contextos que precisam ser avaliados: a compreensão do conteúdo, a disposição do estudante em estar em sala, sua atenção voltada para o aprendizado ou sua distração por causa de um fator externo, interno ou entre os pares, todas essas circunstâncias, aula após aula, interferem substancialmente no resultado esperado para os objetivos propostos para o trimestre. Portanto, por meio das leituras, resolução de exercícios e dúvidas que partem dos estudantes, com o intuito de facilitar a aquisição de novos conhecimentos, atitudes e habilidades, consigo perceber (nem sempre com tanta facilidade) o que precisa ser aprofundado, revisado ou acrescido. Por essa razão, divido meu plano de aula pensando nas três modalidades de avaliação: diagnóstica, prévia à tomada de decisões; processual, integrada à execução da ação avaliada; e global, efetuada após a prática, englobando tanto a elaboração quanto os resultados e desdobramentos das atividades avaliadas. Para o trimestre, são previstas 3 notas que podem surgir mediante qualquer objeto avaliativo e as divido em produção de texto, produção oral e avaliação de leitura, interpretação e análise linguística.

16. Quais são as concepções de sujeito e de língua/linguagem em que você se baseia?

Entendo a linguagem como manifestação do pensamento, é aquilo que se traduz na mente, uma faculdade humana que gera interação com o outro por meio da língua, um sistema organizado e passível de manifestações simbólicas.

Anexo 3 – Registro de frequência – Período de observação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE ESTÁGIO DO MEN
Campus Universitário – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Colégio de Aplicação UFSC
Turma: 6º ano B
Professor(a): Amanda Gröbe Raymundo
Estagiário(a): Kátia de Melo
Período de observação total: 10h/aula

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	26/03/24	14:50h	Registro de leitura	
Aula 2	26/03/24	15:30h	Avaliação Oral de leitura	
Aula 3	02/04/24	14:50h	NARRATIVA	
Aula 4	02/04/24	15:30h	PRODUÇÃO DE TEXTO	
Aula 5	04/04/24	13:30h	GÊNERO NARRATIVO	
Aula 6	04/04/24	14:10h	"	
Aula 7	11/04/24	13:30h	Avaliação de leitura	
Aula 8	11/04/24	14:10h	Avaliação de leitura	
Aula 9	12/04/24	15:30h	Adjetivos	
Aula 10	16/04/24	14:50h	Pronomes/Lendas	



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE ESTÁGIO DO MEN
Campus Universitário – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243



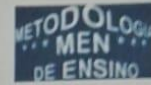
REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Colégio de Aplicação UFSC
Turma: 6º ano B
Professor(a): Amanda Gröbe Raymundo
Estagiário(a): Kátia de Melo
Período de observação total: 10 h/aula

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/04/24	15:30h	Prônomes/Lendas	
Aula 2	18/04/24	13:30h	Avaliação Oral	
Aula 3	18/04/24	14:10h	Avaliação Oral	
Aula 4	19/04/24	15:30h	Locuções Adjetivas	
Aula 5	23/04/24	14:50h	Elementos da Narrativa	
Aula 6	23/04/24	15:30h	Elementos da Narrativa	
Aula 7	25/04/24	13:30h	Conto	
Aula 8	25/04/24	14:50h	Conto	
Aula 9	26/04/24	15:30h	Produção de desfecho	
Aula 10	30/04/24	14:50h	Lenda Indígena	



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE ESTÁGIO DO MEN
Campus Universitário – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Colégio de Aplicação UFSC
Turma: 6º ano B
Professor(a): Amanda Gröbe Raymundo
Estagiário(a): Kátia de Melo
Período de observação total: 10h/aula

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	30/04/24	15:30h	Lenda Indígena	
Aula 2	02/05/24	13:30h	Simulado de Avaliação	
Aula 3	02/05/24	14:10h	Simulado de Avaliação	
Aula 4	03/05/24	15:30h	Simulado de Avaliação	
Aula 5	09/05/24	13:30h	Avaliação Escrita	
Aula 6	09/05/24	14:10h	Avaliação Escrita	
Aula 7	10/05/24	15:30h	Produção de Texto	
Aula 8				
Aula 9				
Aula 10				

Anexo 4 – Registro do SIARE - Kátia de Melo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO BÁSICA

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2073730

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.(a) **Renata Goulart Castro**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Rosângela Pedralli**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Kátia de Melo**, CPF 117.928.189-63, telefone (48) 98428-0247, e-mail katiameo2001@gmail.com, regulamente matriculado(a) sob número 20102335 no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 73/2016/CUn e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina MEN7001 - Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I (252h/a)	Art. 7º: O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
Art. 2º: O(A) Prof.(a) Priscila Finger do Prado , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Plano de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).	Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14.00 horas (com no máximo 3.00 horas diárias) , a ser desenvolvida na UFSC , no(a) Colégio de Aplicação - UFSC , de 11/03/2024 a 12/07/2024 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do(a) estagiário(a) e tendo como supervisor(a) o(a) Amanda Gröbe Raymundo (CPF 098.302.769-29) .	Art. 9º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso , a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao(à) estudante após sua rescisão.
Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 03098254987001 da seguradora MBM Seguradora S.A. (CNPJ 87.883.807/0001-06) .	Art. 10: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC , desde que observados os itens deste TCE.
Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.	Art. 11: Caberá ao(à) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC , respondendo por danos causados pela inobservância dessas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
Art. 6º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.	



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO BÁSICA

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

PLANO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) DO TCE Nº 2073730

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estudo de questões relativas ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa; acompanhamento das atividades em turmas do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação UFSC; elaboração de projetos de docência para o ensino de língua portuguesa em turmas do Ensino Fundamental do Colégio Aplicação UFSC; elaboração dos planos de aula ajustados à proposta do Colégio de Aplicação UFSC; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatórios; socialização dos resultados da experiência vivenciada; participação em encontros ao longo do desenvolvimento das ações de estágio.

As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.



Documento assinado digitalmente

KÁTIA DE MELO

Data: 20/03/2024 14:48:35-0300

CPF: ***.928.189-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

_____ de _____ de _____

Kátia de Melo - Estagiário(a)



Documento assinado digitalmente

Renata Goulart Castro

Data: 21/03/2024 15:40:03-0300

CPF: ***.620.089-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Renata Goulart Castro - Diretor(a) do DIP - PROGRAD - UFSC



Documento assinado digitalmente

Ana Claudia de Souza

Data: 25/03/2024 17:34:57-0300

CPF: ***.921.599-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Rosângela Pedralli - Coord. Estágios do Curso - UFSC



Documento assinado digitalmente

PRISCILA FINGER DO PRADO

Data: 21/03/2024 09:36:30-0300

CPF: ***.952.330-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Priscila



Documento assinado digitalmente

AMANDA GROBE RAYMUNDO

Data: 20/03/2024 16:44:11-0300

CPF: ***.302.769-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Amanda Grobe Raymundo - Supervisor(a) no local de Estágios



PLANO DE AULA – Aulas 1 e 2

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (2 horas-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Conhecer textos dos gêneros mitos e lendas indígenas, a fim de valorizar estas culturas e saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Tal objetivo se desdobra a partir dos eixos de trabalho leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Reconhecer as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas;
2. Valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, bem como de seus saberes, identidades e culturas através do conhecimento e da desconstrução de visões estereotipadas e ações discriminatórias;
3. Praticar a escuta de uma canção com temática afim;
4. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
5. Exercitar a leitura e reconhecimento da estrutura da narrativa;
6. Identificar os recursos coesivos presentes no conto trabalhado (análise linguística);
7. Interpretar e compreender o conto utilizando estratégias guiadas pelo roteiro de leitura, a fim de focalizar aspectos que são alvos do ensino.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Escuta de uma canção;
- Apresentação da cultura indígena guarani;
- Leitura, interpretação um mito indígena;
- Aspectos de análise linguística a partir do texto trabalhado (coesão textual).

3. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

- Música “Minha Força”, da *rapper* de origem indígena Kauê Guajajara, com participação de Canário Negro e Nelson D.

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, os alunos irão assistir ao clipe da música “Minha Força” (5 min) e depois faremos uma breve discussão a partir da tarefa de escuta (15 min). Após o momento de motivação da aula, a estagiária irá apresentar o livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África” e ler o conto indígena “A Cantiga do Universo” (5 min). Em seguida, iniciaremos a atividade de leitura a partir do Roteiro 1. (30 min). Por fim, teremos uma atividade escrita, onde os alunos irão responder o Roteiro 2 sobre o mesmo texto. (15 min). Caso os alunos terminem a atividade, iniciaremos a correção. Caso eles não tenham terminado, a estagiária recolherá a atividade e entregará na aula seguinte para que os alunos a terminem em aula e seja feita a correção.

5. RECURSOS:

Datashow, letra da canção “Minha força”, livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, texto impresso para os alunos, roteiro de leitura 2 impresso para os alunos.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

Ao final, destas aulas, é importante que os alunos tenham compreendido sobre a importância e atualidade das culturas indígenas do país e sobre sua diversidade. Também se espera que eles tenham conhecido um texto do gênero mito indígena e suas características principais, a partir da leitura e reflexão sobre aspectos linguísticos e culturais do texto.

7. AVALIAÇÃO: Responder ao Roteiro de Leitura 2. Critérios de avaliação: Adequação à proposta.

8. REFERÊNCIAS:

BANIWA, Gersem. **As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil: os povos originários colaboram de diversas formas com a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje.** *Cienc. Cult.* [online]. 2022, vol.74, n.3, pp.1-6. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000300011&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 13 maio 2024.

BRASIL. Secretaria da Assistência Social, Mulher e Família. **Povos Indígenas em Santa Catarina: breve contextualização histórica.** Santa Catarina: SAS, 2016. Disponível em: <https://www.sas.sc.gov.br/index.php/component/content/article/65-conselhos/cepin02/403-historico?Itemid=155>. Acesso em: 13 maio 2024.

CLARO, Regina. **Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África.** 2. ed. São Paulo: Joantina Edições, 2018.

GUAJAJARA, Kauê. **Minha força.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfcMgRqT3nA>

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta.** 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

MODESTO, Rafael. **Os Guaranis e seus cantos.** Projeto Rio Silveira. s.a. Disponível em: <https://www.ige.unicamp.br/projetoriosilveira/a-musica/#:~:text=A%20m%C3%BAsica%20e%20o%20canto,regem%20seu%20modo%20de%20vida>. Acesso em: 13 maio 2024.

SERAFIM, Laiara. **Línguas indígenas no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://petletras.paginas.ufsc.br/2023/05/01/linguas-indigenas-no-brasil/#:~:text=Aqui%20em%20Santa%20Catarina%20atualmente,j%C3%AA%20do%20tronco%20macro%2Dj%C3%AA>. Acesso em: 13 maio 2024.

Anexo

MÚSICA

“Minha Força”, da *rapper* de origem indígena Kauê Guajajara, com participação de Canário Negro e Nelson D. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfcMgRqT3nA>

DIALOGANDO SOBRE A MÚSICA

1. Força” é uma palavra que aparece bastante na música. Vocês conseguem identificar a qual força a música se refere?
2. No início do clipe, as cantoras aparecem enxugando gelo e “lavando” o vestido na lama. Essa imagem traz que sentido à música? Vocês conhecem a expressão idiomática “enxugar gelo”?
3. Vocês conheciam essa música?
4. Vocês sabem quem são as mulheres que aparecem no clipe?
5. Vocês imaginavam que indígenas poderiam compor e cantar rap?
6. Vocês acham que a canção de Guajajara é muito diferente das canções de outras cantoras pop brasileiras? Por quê?
7. O que vocês entendem dos versos “Te dei minhas rédeas//Mas elas não cabem na tua mão”?
(dois sentidos)

APRESENTAÇÃO

No Brasil estima-se que viviam mais de 12 milhões de indígenas, de mais de 1.600 povos ou etnias e mais de 1.400 línguas faladas. Mas hoje, são **305 povos étnicos falando 274 línguas**. São poucos os países que possuem tamanha diversidade sociocultural étnica (BANIWA, 2022).

As singularidades das identidades e culturas indígenas têm sido conservadas, mesmo com a globalização. Conservam o papel socializador e educador da família, da comunidade, do povo, dos anciãos. Valorizam, transmitem e aplicam suas sabedorias e valores ancestrais, respeitando a natureza.

A população indígena no Estado de Santa Catarina é composta por três povos distintos: Kaingang, Xokleng e Guarani. Atualmente os **Guarani** ocupam, em sua maioria, pequenas extensões de terras não regularizadas (a maior parte destas localizadas na região litorânea). Os **Xokleng** vivem em apenas duas terras indígenas, na região do Alto Vale do rio Itajaí e no norte do Estado. E os **Kaingang** ocupam, atualmente, cinco terras indígenas na região oeste do Estado. Registros arqueológicos e etno-históricos demonstram a antiguidade da ocupação (aproximadamente de 2.000 anos da presença de grupos Guarani e cerca de 5.000 anos por outras tradições, incluindo as Jê que dão origem aos Kaingang e Xokleng) nas bacias hidrográficas dos principais rios das regiões noroeste e sudoeste do Estado do Paraná, oeste de Santa Catarina e norte e noroeste do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2016).

Quanto aos Guarani, cabe lembrar que ocupavam também o litoral sul/sudeste alguns séculos antes da chegada dos primeiros colonizadores europeus (BRASIL, 2016).

A música e o canto são importantes elementos da cultura Guarani, estando intrinsecamente ligados às crenças, costumes e tradições desse povo indígena. Através da palavra cantada, o indígena entra em contato com o mundo espiritual e os deuses que regem seu modo de vida. A oralidade dos Guarani tem garantido sua sobrevivência ao longo dos séculos. Através da música, os indígenas preservam sua essência cultural, o que fortalece sua presença no território e simboliza a resiliência de sua tradição secular (MODESTO, s.a.).

Segundo Kambeba (2020, p.88) a música, para os povos indígenas, é uma forma de preservar a sua cultura, uma forma de resistência, também é uma forma de ligação transcendente com as forças da natureza. Pela música se contam histórias alegres e tristes. Existe canto para chamar o curupira e pedir conselhos, por exemplo. Além disso, a composição do canto indígena vai para além da junção de letra e melodia, envolve também “a dança com passos firmados, corpo arqueado e a imitação de animais; a pintura corporal e os adornos (plumagens e sementes, com suas cores e texturas)” (KAMBEBA, 2020, p.88). Além disso a autora explica que “esses elementos passam a integrar a música, caracterizando a alegria da festa ou a importância daquele momento de celebração” (KAMBEBA, 2020, p.88).

ROTEIRO DE LEITURA 1

1. O que havia no início da narrativa?
2. Como surge o grande deus criador?
3. Que elementos surgem com esta divindade?
4. Quantos casais de deuses ele criou?
5. Qual a função desses casais de deuses?
6. Sobre o que cada casal ficou responsável?
 - Sul;
 - Norte;
 - Leste;
 - Oeste.
7. O que o grande Deus fez depois de terminar o universo?
8. Onde o grande Deus foi morar?
9. Para que serve a Palmeira sagrada?



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo

ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo

NOME DO ALUNO: _____.

LETRA DA MÚSICA “MINHA FORÇA”, da rapper de origem indígena Kauê Guajajara, com participação de Canário Negro e Nelson D.

Ah, se eu soubesse
Sempre da força carrego
Fico tipo um cavalo
Sem entender a força que eu tenho

Ah, se eu soubesse
Sempre da força carrego
Fico tipo um cavalo
Sem entender a força

É raro me ver assim
Te dei minhas rédeas
Mas elas não cabem na tua mão
Entrei no teu jogo

De novo e de novo
Me queimei no fogo
De novo e de novo
Eu não vou ouvir

Quando cê vier me iludir
Eu não vou ouvir
Quando quiser me fazer desistir
De ser eu mesma

Tua mente tu comanda
Não entra na pilha
De quem quer te derrubar
Mais uma vez encanta
E só tu sabe a força que tem o teu cantar
Olha pro céu e respira fundo
Seja a força

Composição: Canario Negro / Kaê Guajajara.



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____.

LEITURA 1 - Lenda indígena sobre a criação do Universo

SOBRE A AUTORA: Regina Claro é historiadora, mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Sua principal linha de pesquisa é o ensino de História da África no Brasil e a aplicação da lei 10639. Faz capacitação sobre o tema com professores da rede pública de ensino. É também autora de livros didáticos e paradidáticos de História.

SOBRE A ILUSTRADORA: Anita Ekman, antes de começar a ilustrar livros para crianças, estudou e se especializou em arte latino-americana, indígena e popular. Por conta destes estudos, virou nômade: morou no México, na Argentina, com os Guarani no Sudeste do Brasil, e na Amazônia. Agora, está em São Paulo e Rio de Janeiro, trabalhando para o Museu do Índio no Rio e Ilustrando livros para crianças em São Paulo.

A CANTIGA DO UNIVERSO (GUARANI)

No princípio não existia nada.

No meio desse vazio o grande deus criador, Ñande Ru Tenondé, desabrochou como uma flor luminosa.

De sua mão surgiu o popygua, o bastão do poder, e de sua cabeça, uma coroa de plumas em leque e da coroa saiu o primeiro pássaro, o colibri.

De seu peito saíram sete notas musicais, incluindo o silêncio. As notas vibrantes transformaram-se em melodia.

Ele criou tudo o que existe com seu canto.

Depois, fincou seu bastão no meio do céu, criou quatro casais de deuses e os colocou nos quatro cantos do Universo.

No norte, Jakaira Ru Eté e sua esposa, senhores da neblina, do orvalho e dos bons ventos.

No leste, Karai Ru Eté e sua esposa, guardiães do fogo sagrado e senhores das chamas.

No oeste, Tupã Ru Eté e sua esposa, senhores das sete águas, das chuvas, dos relâmpagos e trovões.

No sul, Ñamandu e sua esposa, senhores da palavra e do tempo.

Eles foram chamados de pais primeiros, pois ajudaram o grande deus na criação do Universo, da Terra e dos seres humanos.

Terminado o Universo Ñande Ru Tenondé fez sua morada no meio-do-céu. E no centro fez brotar o Pindoju, a palmeira sagrada, para orientar os governantes das quatro direções.



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo

ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo

NOME DO ALUNO: _____.

ROTEIRO DE LEITURA 2

1. O conto trabalhado apresenta uma narrativa de origem. Veja seu início:

No princípio não existia nada.

No meio desse vazio o grande deus criador, Ñande Ru Tenondé, desabrochou como uma flor luminosa.

Com base no excerto acima, responda as questões a seguir:

a) No caso da lenda lida, identifique qual a situação inicial da narrativa e qual foi a ação que modificou essa situação inicial fazendo com que a narrativa tenha um desenvolvimento.

b) Você conhece alguma outra narrativa que fale sobre a criação do mundo? Se sim, qual? Você lembra como ela inicia?

2. Os elementos criados pelo deus criador são importantes atualmente, em nossa vida? Comente.

3. Observe que o título do texto menciona a música como elemento importante para a criação do universo: “A cantiga do universo”. Durante o texto, temos a informação de que o deus criador criou tudo o que existe com seu canto. Explique, com base na leitura e no que foi discutido em sala, a importância da música para o povo Guarani.

4. Na canção trabalhada, ressaltou-se muito a questão da luta e da afirmação. Tendo em vista o contexto dos povos originários no país, explique por que este é um tema recorrente das produções contemporâneas dos artistas indígenas.

5. Assinale a alternativa em que apareçam palavras que dão ideia de sequência temporal no texto:

- a) () “No princípio”, “No meio”
b) () “No princípio”, “depois”
c) () “No meio”, “No leste”
d) () “No leste”, “ No oeste”

6. Leia o trecho retirado do texto e responda o que se pede a seguir:

Eles foram chamados de pais primeiros, pois ajudaram o grande deus na criação do Universo, da Terra e dos seres humanos.


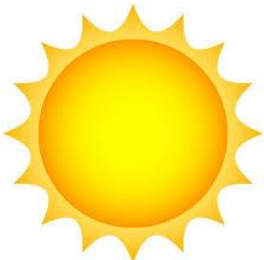




A quem o “eles” se refere?



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____.

ROTEIRO DE LEITURA 2

1. ASSINALE OS ELEMENTOS QUE APARECEM NA HISTÓRIA:

<input type="checkbox"/> CHUVAS, RELÂMPAGOS E TROVÕES 	<input type="checkbox"/> SOL 	<input type="checkbox"/> FOGO E CHAMAS 
<input type="checkbox"/> TEMPO 	<input type="checkbox"/> ROCHA 	<input type="checkbox"/> VENTO 

2. COM O QUE O DEUS CRIADOR CRIOU TUDO O QUE EXISTE?

COM O BASTÃO DO PODER COM O COLIBRI COM SEU CANTO

3. LEIA:

DEUS CRIOU QUATRO CASAIS DE DEUSES. ELES FORAM CHAMADOS DE PAIS PRIMEIROS, POIS AJUDARAM O GRANDE DEUS NA CRIAÇÃO DO UNIVERSO, DA TERRA E DOS SERES HUMANOS.

NA FRASE, A QUEM O “ELES” SE REFERE?

4. ASSINALE A ALTERNATIVA EM QUE APAREÇAM PALAVRAS QUE DÃO IDEIA DE SEQUÊNCIA TEMPORAL NO TEXTO:

- a) () NO PRINCÍPIO, NO MEIO
- b) () NO PRINCÍPIO, DEPOIS
- c) () NO MEIO, NO LESTE
- d) () NO LESTE, NO OESTE



PLANO DE AULA – Aulas 3 e 4

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (2 horas-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Conhecer textos dos gêneros mitos e lendas indígenas, a fim de valorizar estas culturas e saberes, bem como promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Tal objetivo se desdobra a partir dos eixos de trabalho leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Reconhecer as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas;
2. Valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, bem como de seus saberes, identidades e culturas através do conhecimento e da desconstrução de visões estereotipadas e ações discriminatórias;
3. Reconhecer em um texto multimodal do gênero meme a temática afim;
4. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
5. Exercitar a leitura e reconhecimento da estrutura da narrativa;
6. Identificar os recursos coesivos presentes no conto trabalhado (análise linguística);
7. Interpretar e compreender o conto utilizando estratégias guiadas pelo roteiro de leitura, a fim de focalizar aspectos que são alvos do ensino.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Apresentação da cultura indígena guarani;
- Leitura, interpretação um mito indígena;
- Aspectos de análise linguística a partir do texto trabalhado (coesão textual).

2. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

- Meme “Deus me criando”. Disponível na página “Deus me criando”, no Facebook.

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, os alunos irão receber uma folha com dois memes de “Deus me criando” impressos e faremos uma breve discussão a partir do reconhecimento da temática que estamos trabalhando nos mitos indígenas com os memes apresentados (5 min). Após a motivação, teremos uma atividade escrita, onde os alunos irão responder o Roteiro 2 sobre o texto já trabalhado na aula anterior (15 min). Essa atividade será recolhida pela estagiária que fará as correções e devolverá aos alunos na aula 5. Depois, a estagiária entregará o texto 2 para leitura silenciosa (5 min). Terminada a leitura silenciosa, a estagiária pedirá que algum aluno faça a leitura em voz alta até o primeiro ponto, seguido por outro aluno que lerá até o segundo ponto e assim sucessivamente até o fim do texto (10 min). Após a leitura, faremos uma atividade a partir do Roteiro 3. (30 min). Caso sobre alguns minutos de aula, será explicado a atividade de escrita que será realizada nas próximas aulas.

5. RECURSOS:

Roteiro de leitura 2 impresso para os alunos, texto 2 impresso para os alunos e Livro “Encontro de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África”.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

Ao final, destas aulas, é importante que os alunos tenham compreendido sobre a importância e atualidade das culturas indígenas do país e sobre sua diversidade. Também se espera que eles tenham conhecido dois textos do gênero mito indígena e suas características principais, a partir da leitura e reflexão sobre aspectos linguísticos e culturais do texto.

7. AVALIAÇÃO: Responder ao Roteiro de Leitura 2. Critérios de avaliação: Adequação à proposta.

1. REFERÊNCIAS:

CLARO, Regina. **Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África**. 2. ed. São

Anexo



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____

MEME “DEUS ME CRIANDO”

Imagem 1



Fonte: Página “Deus me criando” no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/poU4EkMzXa84bZcr/?mibextid=oFDknk>. Acesso em: 16 maio 2024.

Imagem 2





Fonte: Página “Deus me criando” no Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/share/p/NqQbDXBMu2a72wWY/?mibextid=oFDknk>. Acesso em: 16 maio 2024.

ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____.

ROTEIRO DE LEITURA 2

1. O conto trabalhado apresenta uma narrativa de origem. Veja seu início:

No princípio não existia nada.

No meio desse vazio o grande deus criador, Ñande Ru Tenondé, desabrochou como uma flor luminosa.

Com base no excerto acima, responda as questões a seguir:

- a) No caso da lenda lida, identifique qual a situação inicial da narrativa e qual foi a ação que modificou essa situação inicial fazendo com que a narrativa tenha um desenvolvimento.

- b) Você conhece alguma outra narrativa que fale sobre a criação do mundo? Se sim, qual? Você lembra como ela inicia?

2. Os elementos criados pelo deus criador são importantes atualmente, em nossa vida? Comente.

3. Observe que o título do texto menciona a música como elemento importante para a criação do universo: “A cantiga do universo”. Durante o texto, temos a informação de que o deus criador criou tudo o que existe com seu canto. Explique, com base na leitura e no que foi discutido em sala, a importância da música para o povo Guarani.

4. Na canção trabalhada, ressaltou-se muito a questão da luta e da afirmação. Tendo em vista o contexto dos povos originários no país, explique por que este é um tema recorrente das produções contemporâneas dos artistas indígenas.

5. Assinale a alternativa em que apareçam palavras que dão ideia de sequência temporal no texto:

- a) () “No princípio”, “No meio”
- b) () “No princípio”, “depois”
- c) () “No meio”, “No leste”
- d) () “No leste”, “ No oeste”

6. Leia o trecho retirado do texto e responda o que se pede a seguir:

Eles foram chamados de pais primeiros, pois ajudaram o grande deus na criação do Universo, da Terra e dos seres humanos.


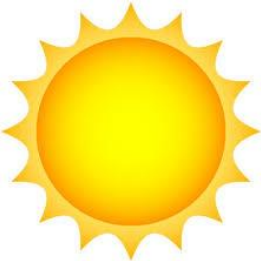




A quem o “eles” se refere?



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____.

ROTEIRO DE LEITURA 2

1. ASSINALE OS ELEMENTOS QUE APARECEM NA HISTÓRIA:

<p><input type="checkbox"/> CHUVAS, RELÂMPAGOS E TROVÕES</p> 	<p><input type="checkbox"/> SOL</p> 	<p><input type="checkbox"/> FOGO E CHAMAS</p> 
<p><input type="checkbox"/> TEMPO</p> 	<p><input type="checkbox"/> ROCHA</p> 	<p><input type="checkbox"/> VENTO</p> 

2. COM O QUE O DEUS CRIADOR CRIOU TUDO O QUE EXISTE?

COM O BASTÃO DO PODER COM O COLIBRI COM SEU CANTO

3. LEIA:

DEUS CRIOU QUATRO CASAIS DE DEUSES. ELES FORAM CHAMADOS DE PAIS PRIMEIROS, POIS AJUDARAM O GRANDE DEUS NA CRIAÇÃO DO UNIVERSO, DA TERRA E DOS SERES HUMANOS.

NA FRASE, A QUEM O “ELES” SE REFERE?

4. ASSINALE A ALTERNATIVA EM QUE APAREÇAM PALAVRAS QUE DÃO IDEIA DE SEQUÊNCIA TEMPORAL NO TEXTO:

- a) () NO PRINCÍPIO, NO MEIO
- b) () NO PRINCÍPIO, DEPOIS
- c) () NO MEIO, NO LESTE
- d) () NO LESTE, NO OESTE



ESCOLA: Colégio de Aplicação da UFSC
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Amanda Gröbe Raymundo
ESTAGIÁRIA: Kátia de Melo
NOME DO ALUNO: _____.

LEITURA 2 - Lenda indígena sobre a criação do Universo

SOBRE A AUTORA: Regina Claro é historiadora, mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Sua principal linha de pesquisa é o ensino de História da África no Brasil e a aplicação da lei 10639. Faz capacitação sobre o tema com professores da rede pública de ensino. É também autora de livros didáticos e paradidáticos de História.

SOBRE A ILUSTRADORA: Anita Ekman, antes de começar a ilustrar livros para crianças, estudou e se especializou em arte latino-americana, indígena e popular. Por conta destes estudos, virou nômade: morou no México, na Argentina, com os Guarani no Sudeste do Brasil, e na Amazônia. Agora, está em São Paulo e Rio de Janeiro, trabalhando para o Museu do Índio no Rio e Ilustrando livros para crianças em São Paulo.

O SOPRO DE TUPÃ (GUARANI)

No princípio, o deus Tupã morava no vazio, numa escuridão sem fim.

Primeiro, Tupã criou o céu e as estrelas, onde fez sua morada e abaixo criou as águas.

Depois, Tupã desceu lá de cima, em grande redemoinho.

Logo que Tupã tocou as águas, o sol surgiu no arco do céu. Quando o sol chegou ao ponto mais alto, seu calor rachou a pele de Tupã.

E finalmente, quando o sol desapareceu do outro lado do céu, a pele de Tupã caiu do corpo dele, se estendeu sobre as águas e formou as terras.

No dia seguinte, o sol apareceu no céu e percebeu a mudança.

O sol chegou novamente ao ponto mais alto e Tupã pegou um pouco de barro, amassou e moldou o primeiro Homem.

Soprou-lhe o nariz e lhe deu vida.

O Homem cresceu e ficou grande como Tupã, mas não falava. O grande deus soprou em sua boca e começou a falar.

Então, Tupã soprou na orelha esquerda a inteligência e na orelha direita a sabedoria. Na cabeça do Homem, Tupã desenhou os raios e trovões sagrados que são os de pensamentos.

No corpo do Homem, Tupã colocou as águas das emoções e dos desejos que se movimentam para criar ou para destruir.

Por fim, Tupã deu ao Homem o poder de escolher entre criar e destruir. Terminada a criação, Tupã voltou para o céu montado em seu redemoinho.

ROTEIRO DE LEITURA 3

1. No início da narrativa, o que havia?
2. O que o deus Tupã criou primeiro?
3. Como surgiu o sol?
4. O que aconteceu quando o sol chegou ao ponto mais alto do céu?
5. E o que aconteceu quando o sol desapareceu do outro lado do céu?
6. No dia seguinte (depois do movimento inteiro do sol), o que deus criou?
7. Como foi que Tupã fez o homem e lhe deu vida?
8. O homem cresceu e Tupã percebeu que faltava algumas coisas nele. Que coisas eram essas?
9. O que Tupã fez quando terminou a criação?
10. Pela leitura do texto, é possível dizer que Tupã deu liberdade para o homem escolher seus caminhos? Explique.
11. Inteligência, sabedoria, pensamento, emoções e desejos são elementos da criação do homem. Você acha que, ainda hoje, tomamos decisões a partir desses elementos? O que explicaria as decisões destrutivas de algumas pessoas?



PLANO DE AULA – Aula 5

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (1 hora-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
2. Entender a estrutura da narrativa;
3. Aplicar os recursos coesivos na produção do conto;
4. Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto utilizando os 3 elementos sorteados na caixa mágica.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Produção de um conto.

2. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, a estagiária explicará que os alunos terão que produzir um conto de origem, assim como os textos lidos nas aulas anteriores (5 min). Mas para tal, é necessário que os alunos retomem a estrutura do conto e alguns marcadores sequenciais. Dessa forma, a estagiária usará o quadro e perguntará aos alunos quais seriam as partes que compõe a estrutura do conto e irá anotando as respostas em formas de tópicos (5 min). Depois, será perguntado o que cada parte significa, afim de avaliar o conhecimento dos alunos (10 min). Em seguida, a estagiária explicará que se tratando de um conto de origem, é necessário que apareçam alguns marcadores sequenciais e, dessa forma, pedirá que os alunos citem algumas palavras que eles lembram de ter vistos nos textos lidos ou até outros possíveis marcadores (5 min). Por fim, será explicado a atividade de produção textual que os alunos iniciarão na aula seguinte (10 min). A atividade consistirá em um conto sobre a origem de um suposto planeta recém-descoberto e para a realização da produção textual, os alunos terão que sortear 3 elementos da caixa mágica que a estagiária trará e utilizá-los como elementos da origem do suposto planeta. O conto também precisa conter marcadores sequenciais.

5. RECURSOS:

Quadro, canetão e material de apoio.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

Ao final desta aula, espera-se que os alunos saibam aplicar na produção textual seus conhecimentos sobre marcadores sequencias e sobre a estrutura de um conto.

7. AVALIAÇÃO: Produção textual do gênero conto seguindo o que se pede no enunciado.

1. REFERÊNCIAS:

Anexo

ESTRUTURA DO CONTO

O **conto**, que é uma forma de contar uma história concisa e envolvente, é formado por sua estrutura e pelo enredo.

O **enredo** é a sequência de ações que compõe a trama. A função é dar forma ao desenvolvimento dos personagens, situações e conflitos ao longo do texto. Em resumo, o enredo é o que acontece na história. Ele cria o contexto para que as personagens interajam e os eventos se desdobrem, levando o leitor a acompanhar a progressão dos acontecimentos até a resolução final.

A **estrutura do conto** está dividida em: Situação inicial, desenvolvimento, clímax e situação final. Vejamos cada uma delas:

- Primeiro, temos a **situação inicial**, onde são apresentados os personagens, o tempo e o espaço onde a história se passa. Aqui também é introduzida a situação que dará início à narrativa.
- Depois, entramos no **desenvolvimento**, onde ocorre uma quebra na descrição inicial e o conflito começa a se manifestar, criando tensão na história. Esse conflito é o que nos levará ao momento de maior tensão, chamado clímax.
- O **clímax** é o ápice da história, onde a tensão atinge seu ponto máximo e o leitor fica mais ansioso para saber o desfecho. É como o ponto mais emocionante da montanha-russa da história!
- Por fim, chegamos à **situação final**, que é o desfecho do conto, onde o conflito é resolvido, seja de forma positiva ou negativa, trazendo uma conclusão para a história e muitas vezes deixando uma mensagem para refletirmos.

PLANEJAMENTO DO TEXTO

Para essa produção textual, existe uma proposta. A proposta pede que seja um conto sobre a origem do planeta recém-descoberto chamado M'bya, e também pede que contenha marcadores sequências e os três elementos sorteados da caixa mágica. Portanto, o enredo deve conter essas informações. Para isso, você precisará seguir os passos a seguir:

- **Passo 1:** quais serão os personagens?
- **Passo 2:** onde acontecerá a narrativa?
- **Passo 3:** Qual será o tempo da narrativa? Ou seja, preciso determinar o período em que a narrativa se passa. Ela acontecerá em um único dia? Ou durante uma semana? Talvez anos?

- **Passo 4:** Quem será o narrador da minha história? Será em 1ª ou 3ª pessoa?

Tendo isso em mente, você conseguirá escrever o seu enredo. Portanto, comece escrevendo a **situação inicial**. Depois, **desenvolva** essa situação inicial e, para isso, você precisa de uma ação modificadora, algo que faça a situação inicial mudar. Assim você irá chegar ao clímax da história. Por fim, terá o desfecho, ou situação final. Feito isto, você poderá escrever o seu conto.

MARCADORES SEQUENCIAIS

Trata-se de um recurso que colabora com a evolução do texto apontando a passagem do tempo. Ao indicar essa progressão, os marcadores sequenciais estão garantindo a boa articulação entre as ideias e informações do texto.

Exemplos de marcadores sequenciais para:

- a) **A situação inicial:** no princípio, no início, inicialmente, primeiro.
- b) **O desenvolvimento:** depois, logo em seguida, com o tempo, após, no decorrer dos dias (anos), no dia seguinte, então, a partir daí.
- c) **A situação final:** Terminado, por fim, por último, assim, dessa forma.



PLANO DE AULA – Aulas 6 e 7

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (2 horas-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
2. Entender a estrutura da narrativa;
3. Aplicar os recursos coesivos na produção do conto;
4. Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto utilizando os 3 elementos sorteados na caixa mágica.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Produção de um conto.

2. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, será explicado a atividade de produção textual que os alunos terão que fazer para entregar nesta aula (10 min). A atividade consistirá em um conto sobre a origem de um suposto planeta recém-descoberto e, para a realização da produção textual, os alunos terão que sortear 3 elementos da caixa mágica que a estagiária trará e utilizá-los como elementos da origem do suposto planeta (10 min). O conto também precisa conter marcadores sequenciais. Após a explicação e o sorteio dos elementos, os alunos iniciarão a produção textual (30 min). Ao fim da aula, todos os alunos terão que entregar a atividade. Caso alguém não tenha terminado, poderá terminar na próxima aula. Conforme os alunos vão terminando o conto, deverão mostrá-lo para a estagiária que dará *feedbacks* sobre a produção. Sobrando tempo de aula, a estagiária distribuirá uma folha que será a capa do livro (produto final da sequência didática) que reunirá todos os contos produzidos pelos próprios alunos. Nessa folha, os alunos deverão fazer um desenho criativo que ilustrará a capa do seu livro. Cada aluno terá um exemplar.

5. RECURSOS:

Caixa mágica com os elementos a serem sorteados, folha pra os alunos realizarem a produção textual, folha para os alunos fazerem a ilustração da capa do seu livro.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

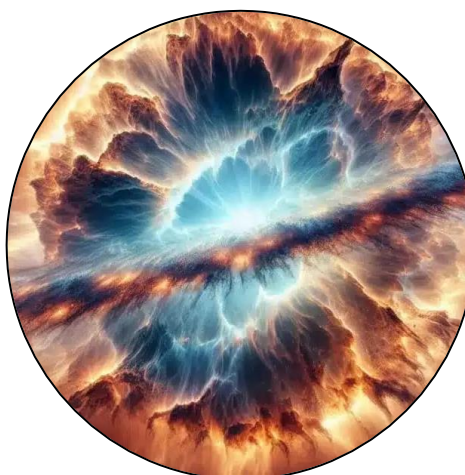
Ao final desta aula, espera-se que os alunos saibam aplicar na produção textual seus conhecimentos sobre marcadores sequencias e sobre a estrutura de um conto.

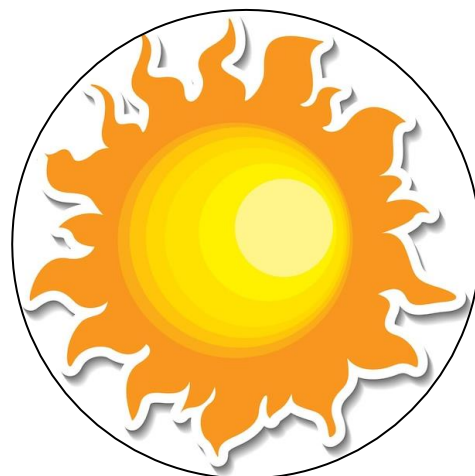
7. AVALIAÇÃO: Produção textual do gênero conto seguindo o que se pede no enunciado.

1. REFERÊNCIAS:

Anexo

ELEMENTOS PRESENTES NA CAIXA MÁGICA







COLETÂNEA DE
CONTOS
SOBRE A ORIGEM DO
PLANETA M'BYA

1ª EDIÇÃO

COLETÂNEA DE
CONTOS
SOBRE A ORIGEM DO
PLANETA M'BYA

1ª EDIÇÃO



PLANO DE AULA – Aulas 8 e 9

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (2 horas-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
2. Entender a estrutura da narrativa;
3. Aplicar os recursos coesivos na produção do conto;
4. Reescrever o conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto;
5. Desenhar a capa do seu livro de coletânea dos contos produzidos.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Reescrita da produção de um conto;
- Desenho da capa do livro (produto final).

2. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Nesta aula os alunos irão reescrever o conto produzido na aula anterior observando os *feedbacks* feitos pela estagiária, para isso, inicialmente a estagiária fará um breve comentário sobre as produções realizadas na aula anterior (10 min). Depois os alunos iniciarão a reescrita (20 min). Conforme os alunos forem terminando a reescrita, os mesmos poderão entrega-la juntamente com a primeira versão do conto para a estagiária dar o visto na atividade (20 min). Os alunos que terminarem a reescrita, entregarem e ganharem o visto poderão dar continuidade ao desenho da capa do seu livro que reunirá todos os contos produzidos pela turma (30 min).

5. RECURSOS:

Primeira versão da produção textual com *feedbacks*, folha pra os alunos realizarem a reescrita da produção textual, folha para os alunos fazerem a ilustração da capa do seu livro.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

Ao final desta aula, espera-se que os alunos saibam aplicar na produção textual seus conhecimentos sobre marcadores sequencias e sobre a estrutura de um conto.

7. AVALIAÇÃO: Reescrita da produção textual do gênero conto seguindo os *feedbacks*.

1. REFERÊNCIAS:

Anexo

COLETÂNEA DE
CONTOS
SOBRE A ORIGEM DO
PLANETA M'BYA

1ª EDIÇÃO

COLETÂNEA DE
CONTOS
SOBRE A ORIGEM DO
PLANETA M'BYA

1ª EDIÇÃO



PLANO DE AULA – Aula 10

Nome da escola: Colégio de Aplicação UFSC
Nome do Professor Supervisor: Amanda Gröbe Raymundo
Nome do Professor Orientador: Priscila Finger do Prado
Nome do Acadêmico: Kátia de Melo
Data:
Duração: (1 hora-aula)
Conteúdo: Contos e Mitos Indígenas
Requisitos mínimos: Conhecimentos sobre o Gênero Textual Conto Literário

1. OBJETIVO GERAL: Produzir um conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Conhecer textos dos gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
2. Entender a estrutura da narrativa;
3. Aplicar os recursos coesivos na produção do conto;
4. Socializar a reescrita do conto sobre a origem de um planeta recém-descoberto.

2. ESQUEMA DE CONTEÚDO

- Culturas indígenas;
- Gêneros textuais mitos e lendas indígenas;
- Socialização da reescrita do conto.

2. MOBILIZAÇÃO/INCENTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

4. METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Nesta aula os alunos irão socializar os textos produzidos por eles nas aulas anteriores. Um aluno por vez irá ler seu conto e será premiado com uma lembrancinha feita pela estagiária. Sobrando tempo de aula, todos poderão fazer comentários sobre o que eles aprenderam, o que mais gostaram e o que não gostaram das últimas 10 aulas. Será uma aula mais livre e divertida.

5. RECURSOS:

Folha com a reescrita da produção textual.

6. SÍNTESE INTEGRADORA:

Ao final desta aula, espera-se que os alunos tenham socializado seus contos com os colegas.

7. AVALIAÇÃO:

1. REFERÊNCIAS: